

Universidade FUMEC  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais Contemporâneos

**Fabício de Paula Santos**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DA PRÁTICA: O deficiente físico como *personal training***

BELO HORIZONTE

2019

Fabício de Paula Santos

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DA PRÁTICA:** o deficiente físico como *personal training*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade FUMEC, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos.

Linha de Pesquisa: Cultura e Interdisciplinaridade.

Orientadora: Dra. Juliana Ribeiro Pontes

BELO HORIZONTE

2019

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S237e Santos, Fabrício de Paula, 1980 -  
A educação física além da prática: o deficiente físico como  
personal training / Fabrício de Paula Santos. – Belo Horizonte, 2019.  
86 f : il. ; 29,7 cm

Orientadora: Juliana Ribeiro Pontes  
Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos),  
Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da  
Saúde, Belo Horizonte, 2019.

1. Pessoas com deficiência física. 2. Educação física. 3.  
Professores de educação física. I. Título. II. Pontes, Juliana Ribeiro.  
III. Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e  
da Saúde.

CDU: 796.071.4



**FUMEC**

Fabício de Paula Santos

**A Educação Física além da prática: o deficiente físico como *personal training***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade Fumec, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos.

Aprovado em: 09 de agosto de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.ª. Dra. Juliana Pontes Ribeiro – Universidade FUMEC  
(Orientadora)

Prof.ª. Dra. Dunya Pinto Azevedo - Universidade FUMEC  
(Examinador Interno)

Prof.ª. Dra. Eveline Torres Pereira - UFV  
(Examinador Externo)

**CAMPUS**

Rua Cobre, 200 - Cruzeiro  
30310-190 - Belo Horizonte, MG  
Tel. (31) 3228-3000  
www.fumec.br

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por estar sempre guiando meus pensamentos e decisões na vida.

Aos meus pais, sem eles, nada seria. Em especial, minha mãe, que mesmo partindo durante a realização do mestrado, me enviou forças para não desistir. Obrigado pelo amor incondicional.

Aos meus queridos irmãos, que me incentivaram durante esta caminhada. Sem vocês, o caminho seria mais difícil.

À minha família, em especial à memória de minha avó Maria, que nos acolheu em momentos difíceis da vida.

Aos meus tios e tias, que participam efetivamente da minha vida. Obrigado por tudo.

Aos meus primos, pelo companheirismo e incentivo. Em especial as primas Lívia e Amanda, pelo afeto e acolhimento durante esses 2 anos de estudo. Não tenho palavras para manifestar minha eterna gratidão.

Ao Jefferson, companheiro em todos os momentos. Obrigado pelo apoio e incentivo. Que Deus reserve só coisas boas em nosso caminho.

À orientadora Dra. Juliana Pontes, a contribuição com seus conhecimentos e acreditar no estudo.

À professora Dra. Eveline Torres, a enorme contribuição para o desenvolvimento deste estudo.

À professora Dra. Dunya Azevedo, que gentilmente aceitou participar e contribuir com essa dissertação.

À Mariana, a pessoa que deu vida às minhas inquietações. Minha admiração pela mulher que você é.

Aos meus amigos, que me fazem sentir sempre especial e querido. Amo vocês!

As minhas colegas de mestrado, Joana e Maria, sempre juntos.

Seja qual for a liberdade pela qual lutamos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade.

Judith Butler

## RESUMO

O presente trabalho é um estudo de caso em uma perspectiva qualitativa. Objetiva verificar como é o desempenho profissional de uma professora de Educação Física cadeirante atuando como *personal training*. Para tanto, foram realizadas entrevistas com a referida profissional e também com seus alunos. Foi realizado, também, relatório de observação de aula ministrada pela professora para um aluno em uma academia no estado do Espírito Santo. As entrevistas realizadas foram gravadas e transcritas na íntegra; e analisadas a partir das contribuições da análise de conteúdo. A entrevista com a professora mostra que a terminologia é um fator a ser discutido e analisado no meio social. A palavra deficiente, para a professora, carrega o sentido pejorativo, de falta de eficiência. Evidenciou que o preconceito, mesmo sendo velado, existe no ambiente profissional. Que o estigma da exclusão está presente na contemporaneidade e que sua identidade social sofreu modificações, relacionando o corpo antes e depois da deficiência. Por fim, a professora afirma não ver diferença no seu trabalho em comparação a um profissional sem deficiência.

**Palavras-chave:** Deficiência, Educação Física, Docência.

## **ABSTRACT**

The present work is a case study from a qualitative perspective. It aims to verify the professional performance of a physical education teacher in a wheelchair, who acts as a personal trainer and, as a result, her social value in this environment. For that purpose, interviews were conducted with the teacher and her students. Parallel to this, a report was made based on an observation of a class given by the teacher to a student at a gym in the state of Espírito Santo.. The interviews were recorded and transcribed in their entirety and analyzed based on the contributions of content analysis.. The interview with the teacher shows that terminology is a factor to be discussed and analyzed in the social environment. The word disabled, for the teacher, carries the pejorative sense of inefficiency. She pointed out that prejudice, even though it is unspoken, exists in the professional environment. That the stigma of exclusion is present in contemporaneity and that her social identity has suffered modifications, relating the body before and after the disability

**Key words:** Disability, Physical Education, Teaching.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Estátua grega.....	19
Figura 2- Elenco filme <i>freak</i> .....	25
Figura 3- Homem lobo .....	26
Figura 4- <i>GarryStretch</i> e sua pele elástica .....	27
Figura 5- Equipe dançarinos .....	35
Figura 6- Abertura <i>Fantástico</i> .....	36

## **LISTA DE SIGLAS**

**CONFED**- Conselho Federal de Educação Física

**CREF**- Conselho Regional de Educação Física

**DF**- Deficiência Física

**UPIAS**- Liga dos Lesados Físicos Contra a Segregação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
2.1 A representação do corpo na cultura.....	16
2.2 Corpolatria: A nova patologia social.....	28
2.3 A construção da identidade: Estereotipagem e o estigma social como marcas identitárias da deficiência.....	36
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>51</b>
3.1 Delineamento do estudo.....	51
3.2 Amostra.....	52
3.3 Procedimentos.....	52
3.3.1 Elaboração roteiro para entrevistas.....	52
3.3.2 Procedimentos éticos.....	53
3.3.3 Procedimento de coleta de dados.....	53
3.3.4 Pesquisa bibliográfica.....	53
3.3.5 Aplicação de entrevista.....	54
3.3.6 Tratamento dos dados.....	54
3.3.7 Observação participante .....	54
3.3.8 Análise de conteúdo.....	54
<b>4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DO CONTEÚDO.....</b>	<b>56</b>
4.1 Terminologia: A definição do sujeito a partir dos termos.....	56
4.2 Preconceito, estigma e estereótipo: Suas relações com a deficiência.....	57
4.3 A (re) construção da identidade social após o acidente: O que mudou?.....	63
4.4 O <i>personal training</i> cadeirante: Vivência da prática profissional.....	66
4.4.1 Observação participante- relatório.....	66
4.4.2 Prática profissional: Como pode ser <i>personal training</i> cadeirante no mercado de trabalho.....	68
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>80</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente algumas literaturas apresentam como objeto de pesquisa a educação física e o deficiente físico, nas quais, em sua maioria, o foco é dado ao aluno deficiente e sua inserção nas aulas de Educação Física, bem como na prática pedagógica do docente para a inclusão deste discente em suas aulas (ANDRADE, 2018; GREGORUTTI *et al.*, 2017). Outros estudos se dedicam a verificar a inserção dos alunos com deficiência no ensino superior (GARCIA *et al.*, 2018; MARMELEIRA *et al.*, 2018).

Em contrapartida, poucos estudos estão focados no docente com deficiência no ambiente profissional, principalmente, no professor de Educação Física com deficiência. Dentro deste contexto, quando os estudos trazem essa temática, a ênfase no professor de Educação Física com deficiência não é dada, sendo dadas outras perspectivas. Destaca-se o estudo de Thomaz (2016), que analisou 5 professores com deficiência na docência, relatando suas experiências de in/exclusão na formação inicial dos discentes. Nesse estudo não foram especificadas as disciplinas lecionadas pelos docentes.

Segundo Rimer (2004) existem evidências de que as pessoas com deficiência tendem a ter estilos de vida menos ativos em relação às pessoas sem deficiência, sendo que as pessoas com deficiência, em sua maioria, estão afastadas da prática de atividade física (COSTA; DUARTE, 2006). Comparados com os demais indivíduos, aqueles com deficiência demonstram com maior frequência comportamentos sedentários, prevalência de sobrepeso e obesidade e níveis mais precários de aptidão física (CERVANTES & PORRETA, 2010).

Um dos fatores que contribui para a pessoa com deficiência, principalmente os cadeirantes, ficarem afastadas da atividade física, é a acessibilidade. Ferreira *et al.* (2018) estudaram a acessibilidade para cadeirantes em 15 academias de ginástica no Rio de Janeiro. Foi constatado que a maioria não atende aos quesitos de acessibilidade e descumpra a legislação e, portanto, estão despreparadas para atender adequadamente usuários de cadeira de rodas.

Outra perspectiva de estudos com pessoas deficientes abordam o ingresso das mesmas em universidades. De acordo com Cruz (2013), pessoas com deficiência enfrentam adversidades em ingressarem na universidade, apesar das recentemente políticas públicas garantirem alguns direitos. Contudo, tem-se uma evolução no quadro de matrículas de discentes com deficiência em cursos de graduação presencial e a distância, mas ainda representa uma camada mínima da população com deficiência efetivamente matriculada nessa etapa da escolarização (MARTINS *et al.*, 2015).

Nesse sentido, é possível refletir que algumas pessoas com deficiência vão na contra mão desse sistema. Concluem o ensino superior, chegam à pós-graduação e ao mercado de trabalho, ou seja, conseguem concluir seus estudos, se apropriam do conhecimento científico e passam a ter oportunidade no mercado de trabalho. Segundo Magalhães (2006) a educação superior ainda é elitista, para poucos. As minorias ou grupos não hegemônicos, como os deficientes, tem acesso restrito. Diante do exposto, muitos são os fatores que dificultam o cadeirante a se tornar um *personal training*, uma vez que estão mais propensos ao sedentarismo e à obesidade, à falta de acessibilidade e à baixa demanda no egresso o ensino superior.

Na experiência como docente universitário no curso de bacharel em Educação Física lecionei para uma aluna cadeirante. Sua deficiência foi devido a uma paralisia dos membros inferiores, em decorrência de uma patologia. Imerso nesse contexto, algumas inquietações nortearam este estudo: Como será a prática profissional de um professor cadeirante, bacharel em Educação Física, em academias? Como será sua inserção no mercado de trabalho?

Desde então, essa temática me incomoda. Em decorrência da minha inquietação, decidi montar este projeto de pesquisa que conseguisse diminuir meus questionamentos e contribuisse, de alguma forma, com o meio acadêmico, problematizando o tema e dialogando com outros estudos teóricos. Com o desenvolvimento do estudo foi possível refletir e a respeito de como é o trabalho de um professor de educação física com deficiência em academias de musculação, atuando como *personal training*.

O presente estudo justifica-se para preencher a lacuna existente entre o campo da Educação Física e o campo dos Estudos Culturais Contemporâneos. Em que o primeiro considera o corpo, em alguns contextos, como forma de espetáculo e eficiência, e o outro, respectivamente, desloca essa visão hegemônica da situação, para dar lugar a outras possibilidades de abordagem do corpo. Paralelo a isso, percebe-se que o corpo, através da estética, é um fator importante para os professores atuantes como *personal training*, visto que é por meio do corpo/ estética que alguns alunos contratam seus docentes. Tem-se um contrassenso no que diz respeito à prática de atividade física como saúde e melhora na qualidade de vida dos indivíduos, ou seja, esse fator pode estar sendo deixado de lado pelos professores e alunos na lógica de corpo perfeito.

De acordo com o estudo de Franchi *et al.* (2010) e Costa *et al.* (2017), os benefícios para a saúde dos praticantes de atividade física são significativos. Assim, entende-se que a prática de atividade física é importante para a manutenção e a prevenção dos aspectos relacionados à saúde dos indivíduos. Para McArdle (2011), a atividade física pode não apresentar

necessariamente uma “fonte de juventude”, porém a maior parte da evidência mostra que a atividade física regular retarda o declínio na capacidade funcional associado ao envelhecimento e desuso.

Contudo, na contemporaneidade, encontram-se nas academias de ginástica e musculação professores de educação física cada vez mais jovens, com silhuetas estéticas bem delineadas. Logo, de acordo com os estudos citados, a prática de atividade física atua como elemento importantíssimo para a saúde dos indivíduos, porém, nessa circunstância não é o foco principal, ou seja, a valorização da saúde e qualidade de vida, em determinados segmentos da educação física, ficam secundários.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, por meio de levantamento bibliográfico, foi possível dialogar com a complexidade do tema pesquisado. Como pesquisa empírica, foi feito um estudo de caso com uma professora de educação física com deficiência, que atua como *personal training*. O mesmo foi realizado por meio de entrevista com a docente e seus alunos.

Em síntese, são objetivos do estudo:

#### **OBJETIVO GERAL**

- Verificar como é a atuação do profissional de Educação Física cadeirante como *personal training*.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Verificar se o estigma, o estereótipo e o preconceito são identificados no ambiente de trabalho;
- Verificar se a profissão de Educação Física vai além da execução dos movimentos;
- Identificar os métodos de ensino utilizados pela profissional do docente cadeirante *personal training*.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 As representações do corpo na cultura

A história do corpo confunde-se com a história do homem. Cada cultura valoriza e coloca o corpo de forma singular, ou seja, cria seus próprios padrões referenciais de acordo com o contexto histórico. Segundo Hall (2016), o termo cultura é definido como sendo “o que de melhor foi pensado”. Porém, nos últimos anos, passou a se referir a tudo que seja característico do “modo de vida” de um povo, uma comunidade, de uma nação ou grupo social. Além disso, ainda para o autor, a cultura se relaciona com os sentimentos, a emoção e o pertencimento. Logo, a cultura está envolvida em todas as práticas que não são geneticamente programadas, mas carregam sentidos e valores para o ser humano e precisam ser significativamente interpretadas pelos outros.

A cultura desse modo permeia toda a sociedade, diferencia o que é elemento “humano” na vida social, daquilo que é biologicamente direcionado. De acordo com a literatura, ela é o sentido que permite ao ser humano cultivar a noção de identidade, de ser e pertencer e, assim, é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e marcar a diferença entre grupos (HALL, 2016).

Partindo do princípio que a cultura é transitória e pode ter significados diferentes, o corpo também passa a ser interpretado ou visto dentro das sociedades, ao longo da história, de formas diferentes.

Consideramos o corpo como um texto de cultura, pois o processo de aquisição identitária do indivíduo inscreve-se no próprio corpo, expresso em tatuagens, vestimentas, cortes de cabelo e outros signos. Como texto de cultura, ele registra as mudanças e as adaptações sociais exigidas pelos padrões de beleza vigentes no discurso midiático (FELERICO, 2010, p. 246).

Para Hall (2016), pode-se considerar que todos os tipos de conflito nas relações humanas se baseiam nas esferas de intercâmbio que se faz uns com os outros. Essas relações, que estabelecem a identidade e a diferença, dão-se na esfera da cultura. A cultura estabelece um modelo e, a partir dele, constrói-se a identidade e a alteridade. Logo, as relações podem determinar a individualidade por meio das diferenças culturais.

Segundo Castro (2007), a experiência corporal é invariavelmente atravessada pela vivência cultural, tornando-se uma fonte de símbolos, de construção de identidades e de estilos de vida. Entende-se então, que o corpo é sempre território da cultura.



A cultura contemporânea é marcada pela égide do consumo, do individualismo e hedonismo que parecem entender o corpo como sinônimo da boa forma. Porém, a sociedade é constituída pela dicotomia entre normal e anormal, de acordo com a cultura que é estabelecida (PACHECO, 2011). Ainda, segundo o referido autor, a impossibilidade do homem se comportar segundo suas próprias leis sugere a categoria do desviante, a negação deste “princípio racional”. E com os desviantes surgem as exclusões sociais.

Não importa se a existência de pessoas com deformações é da ordem do real ou do ficcional. A sua 'existência' tem gênese na própria gênese da humanidade. Os *freaks* são categorias de seres a quem falta ou sobra algo da ordem do corpo, que por consequência, contrariam a norma. São os anões, os gigantes, os hermafroditas. O universo constitutivo da monstruosidade se circunscreve, por conseguinte, às aberrações, às possibilidades infinitas de mutilações que podemos fazer em nossos corpos e deixarmos de ser da esfera do Mesmo e sermos transferidos à esfera do Outro. É nos monstros que estabelecemos o que somos (Identidade) e nos damos conta da possibilidade de sermos diferentes. (PACHECO, 2011, p. 2)

Segundo Pacheco (2011), em algumas culturas existem marcas significativas de desvios de conduta: os ladrões tinham as mãos decepadas, as mulheres adúlteras, os narizes. Assim, o olhar social sobre o outro vai ser, necessariamente, marcado pelo estigma, pela transgressão.

Ao estabelecer um modelo cultural que indica a naturalidade da dicotomia normalidade/transgressão não apenas com relação às monstruosidades como marcas do corpo do Outro, mas, também, com relação às monstruosidades da alma, desvios de conduta moral – a sociedade pré-determina os comportamentos passíveis de repressão (PACHECO, 2011, p. 5).

Se for aceita essa normatização cultural, que determina o comportamento e valores estimula-se a pensar que tudo que sai ou foge das regras e normas pré-estabelecidas deve ser excluído ou ignorado. Reforça-se aqui, pelo objeto deste estudo, os deficientes físicos que, por natureza ou condição adquirida, fogem ou saem dessa regra da normalidade construída socialmente.

No decorrer dos séculos, os padrões dos corpos tidos como ideais sofreram diversas modificações, principalmente em países ocidentais. Diante disso, é necessário considerar a historicidade dos fenômenos analisados para que se possa iniciar um percurso de compreensão entre os sujeitos, sua cultura e seus corpos. Nessa via de análise, os corpos são marcados pelas “normas culturais e a leitura de suas articulações, de sua maior ou menor proximidade, o que possibilita a compreensão da organização social” (VILLAÇA 1998, p. 32).

Desde a antiguidade o corpo já assumia um papel representativo nas sociedades, por exemplo, o período clássico compreende a hegemonia grega. Na idade média, o corpo era

atrelado à teia simbólica construída pela igreja católica, sendo ao mesmo tempo divino, santo, quanto profano e pecaminoso (VILLAÇA E GOES, 1998).

Segundo Silva (1987), a fé e a devoção ao corpo de Cristo contribuíram para elevar o corpo a uma dignidade, fazendo dele um sujeito da história, sendo este corpo de Cristo onipresente na religião. Nesse sentido, Cristo, através do seu corpo humilhado e sofrido, representou a salvação dos pecadores, representado pela coroa de espinhos na cabeça, pela cruz que foi carregada em seu ombro e por todo sofrimento do corpo banhado de sangue.

Para Silva (1987), com o advento do cristianismo, houve uma nova forma social de viver, em função do conteúdo pregado por Jesus Cristo, cuja doutrina era voltada para a caridade, o perdão ao próximo, a valorização da pobreza e da simplicidade da vida. Essa nova forma social de viver alterou o modo de enxergar os deficientes, um novo e mais justo posicionamento quanto ao ser humano em geral.

O que sem dúvida muito beneficiou os escravos e todos os grupos de pessoas sempre colocadas de lado e menosprezadas na sociedade, tais como, portadores de deficiências físicas e mentais (termo utilizado no texto, não atual), antes considerados como meros pecadores ou pagadores de malefícios feitos em vidas passadas, inúteis, possuídos por maus espíritos, ou simplesmente como seres que, em muitos casos, deveriam continuar sendo eliminados ao nascer, segundo leis de costumes (SILVA, 1987, p. 106).

No período renascentista, a concepção de corpo se difere da anterior, apropriando-se do imaginário do homem, passando a significar algo belo e perfeito, especialmente no que diz respeito às artes (MAROUN; VIEIRA, 2008).

Segundo Cambi (1999), na Grécia antiga, tem-se o corpo como elemento de consagração, sendo também um corpo idealizado pelo Estado. Esse corpo era representado pela beleza, força e fertilidade, sendo tão importante quanto o intelecto. Os corpos femininos estavam submissos ao pai e, após o casamento, ao marido. No interior do *òikos* (espaço familiar) reinava a mulher, sendo esposa e mãe, “[...] mas subalterna, dedicada aos trabalhos domésticos e à criação dos filhos” (CAMBI, 1999, p. 81). Os jovens gregos eram educados pela escola e por meio das palestras sobre música, leitura, escrita e educação física; a ideia “central era também o cuidado do corpo, para torná-lo sadio, forte e belo, realizado nos *gymnasia*” (CAMBI, 1999, p. 84).

Havia, na cultura grega, uma preocupação com a salvação da alma, mas também, com a estética do corpo. Segundo Bianchetti (1998), os gregos se dedicavam predominantemente à guerra, valorizando a ginástica, a dança, a perfeição do corpo e a estética. Se a criança, ao nascer, apresentasse qualquer diferença que pudesse atentar contra o ideal prevalecente, era eliminada. Evidenciando o corpo como forma de perfeição e eficiência, cita-se o caso dos

soldados gregos e romanos que eram selecionados de acordo com seu porte físico e não podiam possuir nenhuma deficiência (SILVA, 1987).

Quando o império romano estava em decadência, segundo Silva (1987), alguns jovens amputavam o próprio polegar para serem dispensados do exército, pois sem o mesmo, ficavam incapacitados de manipular uma espada. Destaca-se que no contexto em que esses soldados eram preparados para lutas com armas “brancas”, a pessoa com deficiência poderia ficar mais vulnerável aos ataques e até à morte, justificando a dispensa no exército. Mas, o que cabe reforçar aqui é que para a cultura grega a estética corporal era uma forma de valorização pessoal e *status* social.

Salienta-se que o referido corpo nu masculino era exaltado na cultura grega, enquanto as mulheres eram submissas e rejeitadas, ou seja, o corpo feminino não era representado. De acordo com Bianchetti (1998), quanto à sociedade espartana, nenhuma valorizou tanto a mulher quanto essa. Partia-se da convicção que a mulher bela e forte era a precondição para gerar um guerreiro.

Figura 1: Estátua grega



Fonte: Courtine 2011.

A FIG. 1 representa a valorização do corpo belo pela cultura grega. Era uma sociedade que enaltecia ser um homem bonito, mas ser uma mulher bonita era sinal de problema. (ROSÁRIO, 2006). A célebre Helena de Tróia, por exemplo, como “uma deusa entre as

mulheres”, possuidora de uma “beleza terrível” que, para os aqueus, era sinal de maldição. A beleza feminina leva os homens à loucura e submete-os à mulher. Portanto, a civilização grega não incluía as mulheres na sua concepção de corpo perfeito. As normas para os homens eram diferentes, permitindo a bigamia e a homossexualidade como práticas naturais (ROSÁRIO, 2006).

Aos poucos uma visão mais ampla do corpo vai se estabelecendo, abrindo caminho nos avanços dos estudos de anatomia e fisiologia. O corpo, nas artes contemporâneas, já não é mais visto como perfeito e, sim, um corpo vivido através de suas formas e desformas, assumindo assim a complexidade do homem (MAROUN; VIEIRA, 2008). Desse modo, com as diversas formas e valores que o corpo assumiu dentro de cada contexto histórico citado, o contemporâneo aproxima-se do grego, com valores parecidos de beleza e padronização estética.

O corpo “diferente” desses valores foi repudiado ou não valorizado. Doenças incapacitantes, deficiências, anomalias, sempre fizeram parte da sociedade, ou seja, da história. Porém, a forma como essa estrutura física diferente era vista e julgada foi modificada de acordo com cada contexto histórico. Evidenciar o passado é importante para compreender a luta dos deficientes, ainda na contemporaneidade, para uma melhor condição de vida.

Para contextualizar a história da deficiência, abordam-se dois sentidos: o primeiro da aceitação, tolerância e apoio e o segundo pela exterminação, eliminação ou menosprezo.

Na primeira, as pessoas que estão à margem do grupo principal devido a doenças, acidentes, velhice ou defeitos físicos são em geral aceitas das mais variadas maneiras, incluindo-se a tolerância pura e simples, chegando até o tratamento carinhoso, ao recebimento de honrarias e à obtenção de um papel relevante na comunidade. Na segunda, todavia, essas mesmas pessoas são destruídas também de forma variadas, incluindo-se desde o abandono à própria sorte em ambientes agrestes e perigosos, até a morte violenta, morte por inanição ou próprio banimento (SILVA, 1987, p.23).

Ainda de acordo com o autor, algumas tribos ou povos primitivos determinavam o destino do deficiente, desde a segregação ou até a morte. Algumas tribos atribuíam aos idosos os mesmos destinos dos deficientes.

De acordo com a literatura, alguns povos primitivos tinham os deficientes como alguém que tivesse “poderes sobrenaturais”, ou seja, teria contato com o transcendente. Por exemplo, a tribo Anoa que reside ainda hoje no Lago Rudolf, no Quênia. Outros povos, como os Azande, que habitam as florestas no sul do Congo e Sudão, nunca abandonaram ou mataram as crianças com deficiência, pelo contrário, seus pais tem orgulho delas. Os habitantes do antigo Dahomey, localizado na África Ocidental, consideravam que as crianças,

nascidas com deficiência, traziam sorte para a aldeia. No entanto, no passado, o destino delas dependia de sinais de poderes sobrenaturais, que podia decretar seu abandono à beira do rio (SILVA, 1987).

Em Xagga, no norte da Tanzânia, ninguém se atreve a matar crianças ou adultos com deficiência, pois, segundo acreditam, os maus espíritos habitam nessas pessoas. Nas tribos dos Tupinambás, antigos índios brasileiros, os adultos doentes ou deficientes eram deixados dentro das cabanas sem contato com o restante da tribo e essas pessoas morriam à mingua. Pode-se citar também a tribo Chiricoa, que habita as matas colombianas e muda-se com facilidade, de acordo com a sobrevivência da comunidade. Para tanto, leva em suas mudanças somente o que julga necessário. Neste caso, os idosos e os deficientes são abandonados na antiga localidade, pois não são considerados fundamentais para a sobrevivência do grupo. Nos casos extremos, algumas tribos determinavam o extermínio dos deficientes, sendo o caso da tribo Ajores, que vive na Bolívia e no Paraguai. Devido ao nomadismo, todas as crianças recém-nascidas com deficiência, ou mesmo não desejados, são enterrados, juntamente com a placenta, ao nascer. Os velhos Ajores e as crianças que ficaram deficientes são enterrados vivos, contra a sua vontade ou com seu consentimento, acreditando que a terra os protegerá contra tudo e contra todos (SILVA, 1987).

Essas diferentes visões a respeito da deficiência dependia do contexto histórico e cultural de cada tribo, bem como da forma em que viviam e de como o olhar da deficiência foi construído. Pode-se perceber que cada tribo ou cada povo primitivo, devido às suas crenças, valores e cultura, tratava os deficientes de forma diferente, abençoando-os ou amaldiçoando-os. Reforça-se que esses fatos não devem ser julgados com os valores morais da sociedade contemporânea, mas também não devem ser ignorados pelos estudiosos da deficiência.

Logo, as várias culturas determinavam os destinos dos deficientes e/ou idosos. Porém, como afirma Silva (1987), muito raramente a rejeição ou a morte ocorriam devido às atitudes de ostracismo ou discriminação intencional que, segundo nos parece, são produtos das civilizações contemporâneas.

A respeito do processo de exclusão e marginalização do deficiente em vários contextos históricos, pode-se citar os hebreus, em que as pessoas com deficiência eram classificadas com certo grau de impureza ou pecado (PESSOA, 2018). A bíblia apresenta relatos de discriminação e preconceito contra deficientes e animais, fazendo várias menções de abominação a quem tinha “defeito”, que servia tanto para os animais, quanto para os homens.

Exigia-se que não houvesse “defeito” nem nos animais oferecidos nos sacrifícios ou atos nos quais o homem entrega a Deus algo que ele estima muito, tornando-o sagrado. “Se for sacrifício da comunhão, e se você oferecer para Javé animal grande, macho ou fêmea, ele deverá ser sem defeito”, está profetizado em Levítico (Levítico: 3-4, p. 118 *apud* PESSOA, 2018, p. 51).

Outra passagem bíblica expressa que as pessoas com deficiência não eram dignas ou aceitas de participar de rituais como os previstos na Santidade dos Sacerdotes, descrito em Levíticos:

Javé falou a Moisés: “Diga a Aarão: Nenhum dos seus descendentes, nas futuras gerações, se tiver algum defeito corporal, poderá oferecer o alimento do seu Deus. Não poderá apresentar-se ninguém defeituoso, que seja cego, coxo, atrofiado, deformado, que tenha perna ou braço fraturado, que seja corcunda, anão, que tenha defeito nos olhos ou catarata, que tenha pragas pustulentas, ou que seja eunuco. Nenhum dos descendentes do sacerdote Aarão se apresente, com algum defeito, para apresentar ofertas queimadas a Javé. É que tem defeito e, por isso, não se apresentará para oferecer o alimento do seu Deus. Ele poderá comer das porções sagradas e santíssimas, mas não ultrapassará o véu, nem se aproximará do altar: ele tem defeito corporal, e não deverá profanar as minhas coisas sagradas, porque eu sou Javé, que as santifico. Moisés falou tudo isso a Aarão e seus filhos, e a todos os filhos de Israel. (LEVÍTICOS, 21-16, p. 192 *apud* PESSOA, 2018, p. 52).

No Novo Testamento são encontradas diversas considerações a respeito das pessoas com deficiência e percebe-se que a crença arraigada do povo era que esses males seriam interferência de maus espíritos ou pagamento de pecados antigos.

Evangelho de Lucas: “Eis que veio uma mulher que estava possessa de um espírito que a tinha há 18 anos, e andava encurvada e não podia, absolutamente, olhar para cima”. No entanto, na mesma passagem ele coloca na boca de Jesus, um enfoque diferente: “Mulher, estás livres da tua enfermidade”. Nem demônio, nem castigo, apenas enfermidade. Na Judéia antiga, inclusive no tempo de Jesus Cristo, o destino dos deficientes era esmolar para conseguir sobreviver. Os cegos, os amputados, os paralíticos pelas mais variadas causas, ficavam expostos no caminho, nas ruas, nas praças. João 9:2- “Mestre, quem pecou? Este homem ou seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele nem seus pais pecaram, mas foi para se manifestarem nele as obras de Deus” (SILVA, 1987, p. 55, 56).

Em consonância com essa ideia do corpo deficiente marginalizado, muitas sociedades praticavam ou tinham em seu imaginário retirar a vida ou convívio social das pessoas com deficiência (PESSOA, 2018). Platão, em sua obra *A República*, escrita no século IV a.C, recomendava à medicina e à jurisprudência os casos de pessoas com deficiência: “cuidarão apenas dos cidadãos bem formados de corpo e alma, deixando morrer o que sejam corporalmente defeituosos (...) é o melhor assim, tanto para esses desgraçados como para a cidade em que vivem” (PLATÃO, 1972, p. 716, *apud*, PESSOA, 2018, p. 51).

Portanto, os corpos deficientes ou “defeituosos” eram banalizados, quando não excluídos ou exterminados na sociedade. Os quais não podiam conectar as redes sociais,

fossem elas de familiares, vizinhos ou comunidades. O deficiente, portanto, em determinados contextos, não podiam estar, tocar, nem ser tocados, ou viver (PESSOA, 2018).

De acordo com Courtine (2011), por volta de 1800, início do século XIX, as pessoas com alguma anomalia ou alteridade marcada no corpo eram apresentadas à sociedade como forma de espetacularização do corpo por meio do horror. Essa ideia de um passado distante, de uma época em que o corpo poderia ser uma diversão popular, foi um exercício arcaico e cruel do olhar do curioso. As pessoas pagavam para ver os “diferentes” em espetáculos artísticos que simbolizavam a marca do espetáculo do corpo.

Desse modo, na virada da década de 1880, procurava-se exibir uma criança microcéfala entre macacos e leões do Atlas; um pai peregrina pela Europa nas feiras ganhando dinheiro com o espetáculo da sua monstruosa progênie: um indivíduo de queixo deformado se põe a cantar, para distrair o público sonolento de uma austera cidade da província. (COURTINE, 2011, p. 254)

Ainda segundo Courtine (2011), nessa situação não se poderia evidenciar melhor fato de que a visita feita aos monstros nas feiras possuía a banalidade rotineira dos divertimentos familiares. Começava então o mercado do corpo, a indústria do entretenimento estava surgindo neste contexto. O referido autor dá o exemplo dos *zoohumanos*, que são os zoológico de pessoas, humanos, principalmente dos índios e negros, que eram trazidos de seus países para a Europa e ficavam confinados para sua comercialização. Esse fato representava um poder sobre o corpo do outro que era diferente do ser humano “normal”, ou seja, um apoderamento do corpo como forma de diversão. Esses corpos tinham “domadores”, fazendo uma analogia do corpo “diferente” com os animais. Sendo assim, o corpo era desprovido totalmente de humanidade, não era visto como ser humano, não tinha alma.

Essa exposição das diferenças, das estranhezas, das deformidades, das enfermidades, das mutilações e das monstruosidades do corpo humano, foram as primeiras formas da indústria moderna da diversão em massa.

Há mesmo um “fundo de monstruosidade” atuando por trás dessas pequenas anomalias, mas também das enormes diferenças do corpo humano. Seja, por exemplo, a apresentação da diferença racial, esta discriminação fundamental na diferenciação dos corpos, diante de olhares prontos a adivinhar a anomalia monstruosa sob a estranheza exótica. (COURTINE, 2011, p.257)

De acordo com a literatura, os *freaks shows*, no final do século XIX e início do século XX, na Europa e Estados Unidos, foram exemplos dessa cultura *voyerística*. Afirma-se que “a teratologia constituiu avanço crucial no conhecimento do ser vivo, pelo fato de ter mostrado

pertencerem à espécie humana certas formas de vida que pareciam manifestar diante dela a mais irreduzível alteridade” (COURTINE, 2011).

Andrade (2017) ressalta que o corpo *freak* não é reconhecido, é renegado e incompleto, e que não cabe nos ideais da modernidade impostos por uma lógica de cultura capitalista, ordenada por um padrão ainda vitruviano, por uma perfeição física.

O corpo *freak*, ele próprio, se vira no mundo a partir de um significante imposto pelo Outro e que restringe o seu lugar a algo da ordem do excluído, renegado e socialmente não aceito, não quisto pelo olhar das pessoas. Por que o *freak* incomoda e fascina tanto? Uma das hipóteses é pelo fato de ele próprio ser uma unidade imaginária incômoda ao próprio sujeito e aqueles que o vêem. Uma alucinação de unidade corporal que não produz júbilo, ao contrário, produz repulsa (ANDRADE, 2017, p. 76).

Portanto, os *freaks-shows* apresentavam corpos deformados como forma de divertimento. Ficava evidenciado, naquela época, como corpos “diferentes” eram minorias sociais. De acordo com a literatura, utiliza-se da palavra ‘monstro’ para designar esses corpos que eram expostos nas ruas parienses no século XIX (CORTINE, 2011).

Percebe-se, ainda, que o corpo exposto foi produzido e comercializado. Para trazer esses corpos para o cinema, que antes eram expostos em praça pública, foi produzido um filme cujo título era *Freaks*, em 1932, sob a direção de Tod Browning, o qual só foi divulgado em mostras pelo mundo 30 anos depois. A história envolve a ambição e as trapalhadas de um triângulo amoroso que tem como personagens a trapezista Cleópatra, que gosta do másculo Hércules, mas se casa com o anão Hans, interessada em sua fortuna. O filme tenta chamar a atenção dos espectadores para um casamento que, no contexto, era improvável. O mesmo traz no elenco artistas de circo com nanismo e outras deficiências.



Figura 2: Elenco filme *Freaks*

Fonte: Filme *freak*, 1932.

Ilustrando esse contexto da espetacularização do corpo como forma de entretenimento, uma publicação do jornal britânico, *Daily Mail*, no dia 26 de outubro de 2012, trouxe a seguinte reportagem: “É este o retorno do show de aberração vitoriana? Primeiro 'homem-lobo' a aparecer na Grã-Bretanha em 30 anos emociona multidões em *Wookey Hole (Is this there turn of the Victorian freak show? First 'Wolf Boy' to appear in Britain in 30 years wows crowds at Wookey Hole)*”. Faz-se referência a um homem conhecido como 'homem lobo' por causa de uma condição rara em que nascem pêlos em todo o rosto. Ele iria se apresentar em um 'show de horrores' no Reino Unido (FIG. 3).

Segundo a reportagem, o referido show de horrores, que tem um tema de Berlim na década de 1920, se autodenomina como 'entretenimento arrepiante e um estilo burlesco sedento de sangue'. É famosa por suas horrendas manobras, incluindo Garry Stretch e sua pele elástica recorde (FIG. 4), contorcionistas, acrobatas e um Anão, Demon Dan, que teve que passar por uma cirurgia para remover uma mangueira de aspirador de pó depois que tentou arrastar o aparelho com seus genitais durante um show de 2007. O editorial evidencia que o corpo, por meio das “diferenças”, traz, ainda na contemporaneidade, esse caráter *freakshow*, reforçando a espetacularização do corpo que apresenta alguma diferença como forma de mercado.

Figura 3: Homem- lobo



Fonte: Jornal Daily Mail, 2012.

Figura 4: Garry Stretch e sua pele elástica



Fonte: Jornal Daily Mail, 2012.

Courtine (2011) diz que para existir uma classificação social de um corpo anormal precisa haver uma comparação ao corpo julgado como “normal”, ou seja, uma normatização do corpo. Para Mendes (2012), o corpo considerado diferente em demasia era ridicularizado e utilizado como espaço preferencial de chacota e comédia sobre a vida pública e privada,

funcionando como uma espécie de anestésico social. Logo, o corpo deficiente era sinônimo de monstruosidade, ou seja, os deficientes ou pessoas com alguma anomalia, na sua representação social, seriam e deveriam ser negadas e repudiadas.

Mediante qual transformação do olhar pousado sobre o corpo, que só via antigamente monstruosidade, percebe-se hoje enfermidade? Qual foi a mudança de perspectiva que ensinou, desde então, a ver a deformidade como *handicap*? Mediante qual evolução das sensibilidades parecemos hoje determinados a não distinguir senão a disseminação infinita das diferenças no espetáculo das pequenas e das grandes anomalias do corpo humano? (COURTINE, 2011, p. 262)

Courtine (2011) questiona a normalização dos corpos, faz pensar como os seres “anormais” passaram a ser vistos nos contextos posteriores e como ocorreu esse processo. Pensando na contemporaneidade, percebe-se que quando esses corpos saem da “caixa”, ou deixam de representar o seu papel marginalizado e repudiado, causam estranhamento e preconceito das pessoas.

A ciência e a medicina começam a mudar esse olhar do corpo “anormal” só como monstruosidade, passando a controlá-los. Era necessário acabar com essa reprodução, criando dispositivos de controle da sociedade, por meio de um olhar conservador (COURTINE, 2011). Buscava-se uma eugenia social, tentando corrigir o “erro” da proliferação de anormais. Os deficientes eram vistos como passíveis de tratamento, no entanto, tal concepção não dependia da vontade dos deficientes, mas sim, da demanda de experimentação científica da medicina. O autor afirma que alguns corpos eram selecionados para estudos em laboratório, nos quais o intuito da ciência não era humanizar e, sim, controlar os mesmos como objeto de experimento. A ciência tirou o corpo do lugar da diversão e entretenimento e o colocou no lugar de tratamento, para entender e se apoderar dele.

Acabou definitivamente a concepção, com efeito, da monstruosidade como manifestação diabólica ou divina, aberração curiosa, produto grotesco dos delírios da imaginação feminina, fruto incestuoso das relações entre o homem e o animal. A monstruosidade não é mais uma desordem cega, mas outra ordem igualmente regular, igualmente subordinada a leis: o monstro obedece à lei comum que rege a ordem do ser vivo. (COURTINE, 2011, p. 289)

Ainda no final do século XIX e início do século XX surge, na Europa, outro olhar sobre o corpo deficiente, uma visão de compaixão. Essa nova forma de ver a deficiência aproximou-se mais da humanização social.

Pois se vão manifestando cada vez mais nitidamente sensibilidades novas diante das bizarrices anatômicas que se arrastavam durante tanto tempo a sua existência precária nos teatros dos parques de diversão: a humanidade dos monstros vai ser reconhecida e seu sofrimento vai despertar compaixão. (COURTINE, 2011, p. 297).

Posto isso, como os corpos “anormais” foram humanizados, a sociedade começa a criar leis para prever formas de atendimento destinadas aos que são atingidos por uma enfermidade ou doenças reconhecidas como incuráveis.

Segundo Pessoa (2018), parte da sociedade surpreendeu-se ao saber que 10% da população mundial vivia com males incapacitantes. O estudo foi divulgado em 1980, uma vez que em 1981 seria comemorado o ano do deficiente. Esses dados foram questionados por algumas pessoas naquela época, pois os deficientes não eram vistos na sociedade, ficavam escondidos em casa, confinados ao convívio apenas familiar. Porém, o que importava era que todos ficassem cientes das desvantagens que os deficientes tinham na sociedade. Assim, depende de cada indivíduo e não só do governo ou entidades eliminar essas desvantagens. Percebe-se que não é por falta de informação sobre a existência do deficiente na sociedade que eles são rejeitados mas, sim, pela existência de um sentimento velado de rejeição contra tudo o que é diferente, “defeituoso”, causando certo mal-estar.

Por fim, ao longo do panorama da história do homem, vários infortúnios sobre os deficientes nunca deixaram de existir. Atenua-se a forma como o corpo representa e classifica o sujeito desde os primórdios. Os indivíduos “diferentes” ou que não se encaixam nos padrões considerados “normais” podem continuar sendo segregados ou estigmatizados, confirmando uma rejeição histórica.

## **2.2 Corpolatria: a nova patologia social**

Ao contrário da história do corpo “anormal”, na contemporaneidade, a compreensão deste corpo diferente como forma de espetacularização ao horror foi modificada, não tem mais o caráter punitivo ou de algum castigo divino. Porém, ainda sim, vai à contramão dos adeptos da corpolatria que, em larga escala, estão construindo a nossa identidade exterior. A corpolatria é a forma contemporânea de representação do corpo, que reforça o culto à estética. A busca incessante pela melhor aparência estética ou pelo tipo físico idealizado passou a ser um fenômeno sociocultural, muitas vezes mais significativo do que a própria satisfação econômica, afetiva ou profissional (NOVAES, 2001).

Entende-se por corpolatria uma espécie de “patologia na contemporaneidade”, caracterizada pela preocupação e cuidados extremos com o próprio corpo (não no sentido da saúde), mas particularmente no sentido narcisístico de sua aparência ou embelezamento físico (SENNE, 2004). Tal fato nos remete à história de Narciso, personagem da Mitologia Grega que era considerado um forte símbolo da vaidade. Como ele era muito belo, ao invés de se apaixonar por outras pessoas, ele se apaixonou por sua própria imagem refletida em um lago. A lenda de Narciso representa, de certa forma, a corpolatria na atualidade, por meio das *selfies* e dos corpos refletidos nos espelhos das academias.

No cenário atual, o corpo torna-se facilmente lugar de concretização do bem-estar através da forma e da manutenção da juventude. Numa sociedade em que a felicidade, muitas vezes, está vinculada à aparência, ao status e ao sentir bem o tempo todo, o corpo torna-se objeto de constante investimento e preocupação (DANTAS, 2011).

O corpo representa muitos valores e significados na vida das pessoas, ou seja, tem um valor social importante. Santos (1990) afirma que a corpolatria é uma expressão que permite limitar o corpo numa condição de valor de uso e troca, em que “investir” no mesmo é majorar o seu valor de troca, é colocá-lo em melhores condições para a aferição de lucros no mercado de bens simbólicos.

O corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento, alta frustração. Alvo do ideal de completude e perfeição, veiculado na pós-modernidade, o corpo parece servir de forma privilegiada, por intermédio da valorização da magreza, da boa forma e da saúde perfeita, como estandarte de uma época marcada pela linearidade anestesiada dos ideais (FERNANDES, 2005, p.15).

Ao refletir a respeito da busca exagerada ao belo, Sant’Anna (2001) informa que na luta por alcançar pelo menos uma réstea de luz, a corrida rumo à juventude e à perfeição teleguiada é hoje uma maratona que alcança jovens e idosos de diversas classes sociais, mas esses não conseguem ver o pódio, pois se trata de uma corrida infinita. Ou seja, o padrão ideal do corpo referencial a ser atingido nunca será alcançado, pois os padrões de beleza mudam, o mercado oferece procedimentos novos a cada dia e a insatisfação com o corpo atual fica mais evidente. Por esse motivo, está em alta o uso exacerbado de medicamentos, cirurgias plásticas, dietas, dentre outros procedimentos estéticos que retardam o processo natural do ser humano: o envelhecimento.

Segundo Dantas (2011), com bastante disciplina e força de vontade, seguindo os conselhos dos *experts*, qualquer um pode atingir uma aparência próxima ou similar ao padrão de beleza vigente. A esse respeito, afirma Bauman:

No topo, o problema é escolher o melhor padrão entre os muitos atualmente em oferta, montar as partes do kit vendidas separadamente e apertá-las de uma forma que não seja nem muito frouxa (para que os pedaços feios, defasados e envelhecidos que deveriam ser escondidos embaixo não apareçam nas costuras) nem muito apertada (para que a colcha de retalhos não se desfaça de uma vez quando chegar a hora do desmantelamento, o que certamente acontecerá). (BAUMAN, 2007, p. 13).

A busca obstinada pelas formas retilíneas e esbeltas está presente na sociedade contemporânea (SENNE, 2004). Logo, assim como na religião, o corpo sofre um “ritual” de penitência, por meio de jejuns prolongados (o famoso e atual jejum intermitente) e sofre o sacrifício nas academias:

Na religião, milagre exige sacrifício, e a corpolatria não pode deixar por menos; se quiser alcançar a graça pretendida, você terá que se submeter a PENITÊNCIAS: suar horas seguidas diante do espelho, estirar os músculos sem gemer de dor, emplastar os cabelos com vaselina colorida e continuar sorrindo, mastigar 100 vezes (nunca 99 ou 101) um arroz duro e insosso, jejuar etc. Basta, pois nem os cristãos são de ferro (SENNE, 2004, p.12)

Dantas (2011) afirma que em nosso dia-a-dia surgem obrigações com o corpo quase religiosas, rituais que devem ser seguidos a todo custo em prol de um melhor resultado. Os cuidados com o corpo e a intensificação das sensações corporais se mostram como questões centrais da vida cotidiana. Desse modo, o corpo é percebido como forma de poder, a corpolatria dita quem está dentro e quem está fora desse contexto.

Foucault (1988) afirma que o poder incide sobre a vida das pessoas e toma os corpos dos indivíduos como alvos e pontos de aplicação, investindo-os e produzindo-os conforme uma ordem moral, social, política, produtiva e normativa capitalista-burguesa. Nota-se que o sujeito, dentro da perspectiva do corpo e poder, assume uma posição de “*status*” e orgulho que o corpo belo e referencial lhe proporciona, quando ele é atingido. Além disso, acredita-se que muitos sujeitos saem da condição obscura de anonimato pelo fato de terem um corpo em conformidade com o discurso do *fitness*, com a evocação à boa forma; em suma, do corpo como ostentação (COURTINE, 2005).

A busca incessante pelo ideal de corpo perfeito tem uma grande influência midiática, haja vista que o mesmo está presente em todos os meios de comunicação, principalmente, como forma de mercadoria (CAMPOS, 2010). O nosso corpo tornou-se extensão do mercado e os produtos de beleza, suas valiosas mercadorias. A indústria farmacêutica merece um lugar de destaque com seus inibidores de apetite, anorexígenos, anfetaminas e afins, que ampliam a

oferta de produtos de “saúde estética”, com o contraponto de oferecerem sérios riscos de doenças e efeitos colaterais (DANTAS, 2011).

De acordo com Courtine (2005), o corpo ganhou uma posição de valor supremo. O seu bem-estar parece ser um grande objetivo de qualquer busca existencial na atualidade. Na internet, na TV, revistas, jornais, enfim, o corpo onipresente dá destaque ao modelo magro e esbelto, como “padrão de beleza social” que atinge o público consumidor como um *status* a ser seguido. A percepção da constituição física passa a ser dominada pelas imagens reproduzidas pela mídia, ancorada na cultura do músculo erigido.

Em meados do século passado, nos Estados Unidos, o discurso do *fitness* permitiu a muitos sujeitos anônimos adentrar, ainda que de modo efêmero, nos holofotes da mídia. Dessa maneira, é necessário ser visto, e o corpo pode e deve ser fabricado, conforme o paradigma da corpolatria (COURTINE, 2005). Nas redes sociais surgem sujeitos comuns reproduzindo ou contestando (com humor ou não) esses padrões estéticos. Por meio dessa idolatria corporal, as redes sociais “tiram de cena” as pessoas que não querem ou não alcançam o “modelo” estético.

As pessoas estão sofrendo psiquicamente por não se encontrarem nos padrões de beleza que a mídia impõe. Por falta de condições financeiras para as práticas corporais modificadoras ou por não conseguirem atingir este padrão, se sentem excluídas, marginalizadas, ridicularizadas (CAMPOS, 2010).

Felerico comentou a esse respeito:

A espetacularização do conteúdo midiático fez com que o corpo e a mercadoria se aproximassem cada vez mais, sugerindo que o mesmo se convertesse em nosso maior bem de consumo. Um valor sociocultural que integra o indivíduo a um grupo e ao mesmo tempo o destaca dos demais, ter um físico “perfeito”, “bem delineado”, em boa forma, significa a vitória sobre a natureza, o domínio da pessoa sobre seu próprio destino. A gordura, a flacidez, o sedentarismo, simbolizam a indisciplina, o descaso. As pessoas são culpadas pelo fracasso do próprio corpo o qual, sem dúvida, é vigiado e punido. (FELERICO, 2010, p. 116)

Na contemporaneidade, como a palavra de ordem é o físico forte, belo, jovem e perfeito, esses valores indicam que há uma tendência hegemônica que busca o corpo ideal imposto pela mídia. Além da supervalorização da juventude, acrescentou-se a ideologia de um corpo com medidas ideais. Portanto, um corpo magro, belo e jovem virou um mandamento ligado à ideia de sucesso e felicidade na atualidade. O sacrifício exigido para modelar o corpo é compensado idealmente pela crença de um sucesso social (DANTAS, 2011).

Segundo Hillesheim (2018) a mídia relaciona-se com a constituição do sujeito na cultura, pautando, orientando e interpelando o cotidiano das pessoas, participando ativamente na produção de identidades e subjetividades. Santaella (2004) afirma que esse processo pode gerar um adoecimento da sociedade contemporânea que, pela influência midiática, não mede esforços e ultrapassa limites para atingir a normatização do corpo padrão.

Em relação à publicidade do corpo idealizado, o processo é o mesmo. O ser humano procura adquirir tudo o que as propagandas alardeiam como objetos de satisfação pessoal. Os corpos se transformam em busca de satisfação o que, na maioria das vezes, pode gerar angústia, pois as propagandas estão servindo aos interesses do sistema capitalista (NETO, 2010).

É o que afirma Hall:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós) dentre as quais parece possível fazer uma melhor escolha (HALL, 2016, p. 75).

Portanto, com um pouco de esforço e trabalho físico, homens e mulheres são diariamente persuadidos a alcançar a aparência desejada, mesmo que para isso sejam necessários exercícios intensos, cirurgias plásticas e dietas radicais, como pregam os diversos meios de comunicação vigentes (DANTAS, 2011). Neste contexto, foram criados "modelos" de referência quase inatingíveis, pois o corpo "vendido" passa distante da realidade da maioria. Para Dantas (2011), trata-se da busca por um ideal inatingível, já que as imagens veiculadas são tão perfeitas que parecem não humanas; assim a procura por esse ideal leva o sujeito à insatisfação, devido à impossibilidade de se atingir tal padrão. Não atingir o modelo remete o indivíduo a um sentimento de impotência frente ao próprio corpo.

Considera-se também, que o corpo tornou-se um produto capital e consumista, estabelecido pela sociedade. A imagem da corporeidade de nossa cultura reduz o corpo a um objeto de uso em conformidade com os interesses econômicos, políticos e ideológicos de grupos ou classes sociais (PERES, 2009). Isso faz com que o corpo se torne uma ferramenta de produção, que traria lucro e crescimento econômico ao meio no qual está inserido. Percebe-se assim que o corpo, ao longo dos anos, vem sendo vivido, percebido e interpretado pelas mais diversas técnicas e formas de controle, incorporando-se dentro dos mais variados meios de produção e consumo (PERES, 2009). A essas técnicas e formas de controle que Foucault (1998) chamou de tecnologias políticas do corpo.



A indústria do culto ao corpo orienta perfeitamente o que se deve fazer para torná-lo um modelo perfeito que obedece ao que se espera no mundo social. Essa indústria opera a partir de uma lógica que transforma tudo em algo mensurável, pragmático e utilitário a fim de buscar uma resposta para a insatisfação crescente em relação ao corpo. O físico contemporâneo precisa ser melhorado, ampliado, ajustado, modificado e, até mesmo, criado. Precisa-se de próteses químicas e de procedimentos de toda ordem que o tornem forte, belo e adequado ao cenário atual. O corpo parece ser um molde que se adapta às significações sociais (DANTAS, 2011).

Segundo Senne (2004) nunca se investiu tanto em alimentação saudável, suplementação e uso indiscriminado de esteroides anabolizantes que são comuns no mundo *fitness*. De acordo com Trasferretti (2008), a questão do corpo na sociedade capitalista está profundamente marcada pela cultura pós-moderna, que valoriza o corpo enquanto individualidade, capacidade de decisão, autonomia, liberdade, mas ao mesmo tempo, produto cultural. Ou seja, essa cultura transitória pode ser derrubada ou modificada a qualquer momento. O que deve ser observado nesse sentido seria como a idolatria exagerada ao corpo, principalmente das pessoas que ditam as regras dos padrões estéticos, incentiva as estratégias de emagrecimento e dietas milagrosas para todas as pessoas. São desconsideradas a individualidade biológica, os limites e as particularidades acometidas a todos os indivíduos. Isso vai no caminho inverso da preocupação com a saúde.

Para ilustrar o quanto a indústria cultural brasileira tem se alinhado a esse modelo capitalista, as revistas femininas, divulgadas amplamente e que atraem a atenção das mulheres de classe média alta e baixa, propõem indistintamente parâmetros de vida e beleza que são próprios das classes superiores. Devido a isso, os ideais propostos nessas revistas se apresentam como modelos a serem seguidos (TRASFERETTI, 2008).

Essa lógica corporal estética provoca um paradoxo cultural acerca do deficiente físico que está fora dos referidos padrões impostos socialmente. Para Dantas (2011), os manuais de autoajuda, as revistas especializadas e a publicidade em geral levam os indivíduos a acreditarem que toda e qualquer imperfeição ou defeito é fruto de negligência pessoal e falta de cuidado.

Segundo Dantas (2011), possivelmente, a atualidadesvele uma aparente ambição de dominar o corpo e mantê-lo sob controle, seja em busca da saúde, da beleza ou, até mesmo, da juventude. Novaes (2001) afirma que no século XXI existem as biotecnologias que se tornam possíveis aliadas na difusão e prática de uma diversidade de estratégias de intervenção no corpo. Pensando nessa perspectiva do corpo, o horizonte tecnológico nos convida a uma

reflexão a respeito do culto ao corpo, ressaltando a intrínseca relação entre físico, tecnologia, saúde e beleza. Para Castro (2007), a possibilidade de esculpir ou de desenhar seu corpo é algo que propicia a cada um estar mais próximo possível de um padrão de beleza estabelecido globalmente; afinal, as medidas do mercado da moda são internacionais. O comentário de Bauman é significativo:

O que você coloca no seu corpo é uma forma reconhecidamente mais conveniente e confortável de se manter em dia com esta nossa época de alta velocidade do que aquilo que você faz com ele. As roupas que você veste (e certamente tira e joga fora logo em seguida) podem, com efeito, seguir/deslocar/substituir uma às outras a uma velocidade, uma frequência desconcertantes e inatingíveis, por exemplo, por implantes nos seios, lipoaspiração, cirurgia plástica ou mesmo um passeio por todo o espectro dos produtos para tingir o cabelo. Para usar plenamente o seu potencial, você precisa de uma grande quantidade de informações constantemente atualizadas e de antenas permanentemente ligadas à conta bancária e aos cartões de crédito (BAUMAN, 2007, p. 113)

Com isso, ao passar dos anos, as tecnologias avançadas permitiram uma nova construção estética do corpo. A relação com o nosso corpo pode estar sendo modificada pelas várias formas ou procedimentos para ajustá-lo, exaltando a boa forma e supervalorizando-o. Logo, por meio das várias formas de construção do corpo, como dietas, exercícios, cirurgias plásticas, o indivíduo passa ser responsável por sua aparência. E, assim, o corpo atual, ou seja, aquele que se encontra em consonância com os padrões de beleza contemporâneos que associam juventude, beleza e saúde apresenta-se como um valor fundamental na sociedade ocidental (DANTAS, 2011).

Posto isso, os deficientes físicos cadeirantes, amputados, ou com múltiplas deficiências, não atendem aos anseios dessa sociedade marcada pela eficiência. Pode-se considerar que corpolatria contribui para a invisibilidade do corpo diferente. A sociedade faz associações aos corpos “diferentes” como o corpo deficiente e o corpo gordo, ambos devem ser cobertos.

Em paralelo ao discurso da corpolatria, destaca-se que o corpo deficiente também pode estar dentro deste contexto, através dos professores de educação física, atletas paralímpicos e outros indivíduos com as mesmas características. Atualmente, o discurso publicitário apresenta a diversidade do corpo para a mídia como forma de incluir e dar representação social. Assim, as minorias começam a ter notoriedade na publicidade. Porém, é pertinente destacar que nas grandes mídias há um distanciamento dos corpos midiáticos para os deficientes, como produtos do cinema e dos vídeo-clips, por exemplo.

Na contemporaneidade, vale lembrar que as representações de corpos diferentes ganham lugar na mídia de necessidades econômicas e mercadológicas, o que pode ser entendido como tentativa de a mídia administrar as contradições sociais negando as estruturas assimétricas de poder em nossa sociedade. Observamos hoje que a diferença foi trazida para a agenda de debate público sobre problemas sociais: uma vez politizada, as vozes do outro ganham novos sentidos. (CARROSCOZA; CASAQUI; HOFF, 2010, p. 212)

Na mídia brasileira, destaca-se a presença de uma atleta com deficiência na abertura do Fantástico, programa de televisão da rede Globo. Em comemoração aos 45 anos de programa, o programa mostrou, como forma de integração social, uma nadadora, campeã parapan-americana, Camille Rodrigues (FIG.5), que foi a primeira deficiente a ser retratada na abertura da atração (FIG.6). Destaca-se que o corpo da atleta aproxima-se muito do corpo “padrão”, em formas e desempenho, porém com um olhar atento é possível perceber a prótese de Camille em uma de suas pernas. Portanto, revela-se que o corpo deficiente também pode ser objeto da corpolatria o que, aos poucos, evidencia-se nas mídias de massa.

Figura 5: Equipe dançarinos: Camille Rodrigues à direita



Fonte:<http://cpb.org.br>

Figura 6: Abertura do *Fantástico*

Fonte: Globoplay

Hillesheim e Cappellari (2018) analisaram reportagens sobre mídia e inclusão, publicadas no jornal *Zero Hora*, do Rio Grande do Sul, de março a setembro de 2015. Os autores concluíram que os corpos da inclusão pertencem a mulheres, pobres, pessoas com deficiência, com diferenças sexuais, idosos, negros e presidiários. Ou seja, são representados pelos corpos que não pertencem ou não caracterizam o homem branco, heterossexual, adulto, classe média, urbano. Outro estudo que diz respeito aos conteúdos midiáticos relacionados à deficiência, realizado por Mavignier (2013), verificou que em uma análise das representações sociais da deficiência presentes na grande imprensa os conteúdos mais encontrados foram relacionados ao assistencialismo, à normalização, à superação (pessoa com deficiência vista como herói) e a aspectos de cidadania e inclusão. Nesse sentido, as próprias pessoas com deficiência incorporam a maneira como a mídia as representa, adotando essas representações como modelos a serem seguidos (Mavignier, 2013).

Assim, o corpo deficiente, fragmentado, fica à margem de uma sociedade que valoriza o enquadramento do corpo magro e eficiente, e exclui o diferente. Logo, os indivíduos deficientes carregam em seus corpos a marca da diferença compreendida como um desvio a norma referencial de corpo.

### **2.3 A construção da identidade: estereotipagem e o estigma social como marcas identitárias da deficiência**

Coloca-se aqui, por meio da deficiência, o corpo como forma de construção da identidade, pois é através dele que os outros definem quem nós somos. Para Silva (2014), as sociedades são caracterizadas pela “diferença”. Elas são atravessadas por distintas divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de sujeitos, isto é, identidade. Para Hall (2015) o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, que antes era unificado. Pode-se dizer então que a identidade se torna um problema relevante quando passa a não se referir somente a grupos fechados, como etnias, por exemplo. As identidades tornam-se, portanto, híbridas.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (HALL, 2015, p. 9).

Hall (2015) propõe três concepções para a identidade: A primeira como sendo do iluminismo, para a qual o centro essencial do “eu” era a identidade do sujeito. Era uma concepção muito individualista do sujeito e da identidade. Sujeito centrado e unificado. A segunda concepção, caracterizada pela modernidade, seria do sujeito sociológico, em que a identidade do eu era interativa, deixando de ser um indivíduo centrado e unificado. O sujeito seria formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais. E por fim, o sujeito pós-moderno em que não há uma identificação fixa, essencial ou permanente. Esta última, segundo Bauman (2005) e Giddens (2002), seria influenciada pela modernidade, ou seja, pela globalização. Voltando à ideia da identidade plural, ela, portanto, torna-se uma celebração móvel: formada e transformada constantemente (HALL, 2015). Sendo as sociedades modernas caracterizadas pela “diferença”, as identidades que antes eram fixas e estáveis, na contemporaneidade estão sendo fragmentadas, deslocadas (gênero, raça, etc). Em consonância a essa ideia de identidades sociais fixas, Giddens (2002) diz que na era medieval a linhagem, o gênero, o status social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições durante os vários estágios da vida, porém governados por processos institucionalizados e o papel do indivíduo era relativamente passivo.

Aquelas pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento. Elas descrevem esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno (HALL, 2015, p. 22).

Bauman (2005), em seu livro *Identidades*, aborda as questões das múltiplas identidades que são construídas ou instituídas durante a vida. Explica o entendimento a respeito do termo identidade, afirmando que a identidade é transitória e, em determinadas situações, imposta. Pode-se considerar, então, que há um paradoxo nesse contexto. Mesmo a identidade podendo ser transitória, de acordo com o gosto ou julgamento do indivíduo, algumas identidades são colocadas/ impostas a ele. Desse modo, a busca das identidades é uma tarefa intimidadora e, às vezes, difícil.

Tornando-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para a vida toda, são bastante negociáveis e revogáveis, de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira que age- são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de ter uma “identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (BAUMAN, p. 17).

Dessa maneira, no decorrer da vida, podem existir várias identidades que representam e/ou pertencem dentro de uma sociedade. Essas várias representações de identidade social podem ser apresentadas pelo exemplo da vereadora do Rio de Janeiro, Brasil, Marielle Franco. Negra, mãe, homossexual e criada na favela da Maré. Marielle, que era mestre em administração pública e militante das causas sociais das minorias, foi assassinada em 14 de Março de 2018. Este exemplo caracteriza as múltiplas identidades a que se é vinculado dentro de uma sociedade.

Bauman (2005) afirma que as identidades devem ser defendidas, mesmo quando forem diferentes ou causarem estranhamento em alguma comunidade. Vale a pena lembrar que a identidade não estava nem de perto no centro do debate há poucas décadas atrás, permanecendo unicamente um objeto de reflexão filosófica.

O que antes era chamado, nas relações sociais, de “sociedades de família mútua”, nas quais em que a identidade era bem estabelecida e firmemente consolidada, situação em que era impensável outra forma de identidade. Atualmente existem outros modos de vida moderna, que quebram ou desconstruem os padrões estabelecidos de identidade fixa (BAUMAN, 2005). Portanto, a ideia de identidade nasceu da crise do pertencimento às identidades fixas e do esforço desencadeado no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia, recriando a realidade à semelhança da ideia.

Hall (2015) afirma que a política e a classe dominante, em algumas situações, fazem o jogo da identidade. “Quando falamos que somos brasileiros, jamaicanos, americanos, identificando nossas identidades culturais, isso não passa de uma forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes”. Entretanto, efetivamente pensa-se nelas como se fossem parte da natureza essencial. As identidades nacionais não são coisas com as quais as pessoas nascem, mas são formadas e transformadas no interior da representação.

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente ponto específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2015, p. 37).

Bauman (2005) chama de ‘modernidade líquida’ essa nova fase da modernidade. O autor usa a ideia de liquidez em oposição à solidez, que seria metáfora apropriada da primeira modernidade.

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento, lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (BAUMAN, 2005, p. 32).

Em tempos em que o mundo se move com uma velocidade constante e acelerada, as identidades novas vão surgindo, afetando as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, que na modernidade não funcionam. Tudo isso acontece em meio a um momento de intensa globalização. O desenvolvimento dos meios de comunicação e tecnologia liga, cada vez mais, o local ao global. Contudo, a interdependência global leva a um choque nas identidades tradicionais, produzindo cada vez mais estilos e identidades (HALL, 2015).

De acordo com Hall (2016), a globalização significa que o Estado não consegue manter mais uma identidade sólida e rígida com a nação. Logo, as identidades ganham livre curso, e agora cabe a cada indivíduo capturá-la em pleno voo, usando os próprios recursos e ferramentas. Uma de suas características principais da globalização é a "compressão espaço-tempo". A aceleração dos processos globais faz sentir que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos, em um determinado lugar, têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.

Mesmo com a possibilidade de comunicar-se com o mundo inteiro o tempo todo, segundo Bauman (2005), as identidades procuram uma segurança, em qualquer relação. Ou seja, vive-se relações líquidas e com prazo de validade instantâneo. O autor compara as relações de trabalho e de família, ambas são estruturas fixas e fortes, mas podem ser perdidas. Ainda acrescenta que a sociedade viveu duas fases na modernidade, em relação às estruturas. A fase sólida, em que as estruturas eram fixas e rígidas e a fase fluida, em que as estruturas sociais não conseguem manter a forma por muito tempo:

Num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca- é melhor estar preparado para as duas possibilidades. Não se deve esperar que as estruturas, quando (se) disponíveis, durem muito tempo. Não serão capazes de aguentar o vazamento, a infiltração o gotejar, o transbordamento. Mais cedo que possa pensar, estarão encharcadas, amolecidas, deformadas e decompostas (BAUMAN, 2005, p. 58).

Com a velocidade de mudança que as coisas acontecem, o antigo, duradouro, se tornam fora de moda, ultrapassados, ou sem utilidade. Percebe-se isso, na era contemporânea, por meio do culto ao corpo e padrões de beleza. De acordo com Bauman (2005), existe uma batalha de identidade que faz ao mesmo tempo dividir ou segregar as pessoas, mas também, unir. As duas coisas caminham em par: o conjunto de crenças, símbolos e normas que une todos os membros da sociedade politicamente organizada, e a riqueza e diversidade dos símbolos identitários alternativos (éticos, históricos, religiosos, sexuais, linguísticos, etc.). Logo, construir uma identidade própria, torná-la coerente e submetê-la à aprovação pública, exige vigilância, atenção e esforços enormes sem descanso.

A internet, através dos meios eletrônicos, nos permite a fluidez de identidade, por meio da globalização.

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e "fechadas" de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (HALL, 2015, p. 51).

Para Santaella (2004) as mídias fazem parte do processo consumo- consumidor, vendendo a produção das identidades atuais, por meio de estrelas famosas que comercializam nossas identidades. Por algum tempo, consumir algum produto vendido por alguma estrela nos eleva espiritualmente acima do chão em que não nos é permitido mover-se fisicamente.



Para Bauman (2005), nossos contatos sociais face a face estão diminuindo, uma vez que o mercado capitalista impõe alguma “alternativa” de consumo para suprir as nossas “necessidades” de solidão, mas as redes de relacionamentos rasas, por mais que prometam os comerciantes, não conseguem matar a fome das raízes da família, amizade e amor.

Deve-se admitir que os substitutos consumíveis tem uma vantagem sobre a coisa concreta. Prometem libertar-nos das agruras da negociação interminável e do compromisso incomodo. Juram por fim à desconfortável necessidade de autosacrifícios, concessões e consentimento mútuo que todos os vínculos íntimos e amorosos cedo ou tarde exigirão. Eles vem com a oferta de recuperar as suas perdas se você achar difícil suportar todos esses esforços. Seus vendedores também oferecem a substituição fácil e frequente dos produtos no momento em que você não veja mais utilidade para eles, ou quando outros produtos, novos, aperfeiçoados e ainda mais sedutores, apareçam pela frente (BAUMAN, 2005, p. 102).

Segundo Silva (2014), os sujeitos vão configurando as suas respectivas identidades a partir das percepções e representações dos que estão à sua volta, ou seja, de acordo com a cultura em que vivem. Portanto, as identidades são influenciadas pela cultura e pela sua representação, a cultura tem um papel-chave na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais.

Para Hall (2016) a identidade está relacionada com a nossa história e não com o que se é, mas o que se torna e como é representado em cada contexto cultural. E ainda, a nova identidade é definida historicamente e não biologicamente, causando uma ruptura nos discursos sociais. Ao mesmo tempo, temos a representação do sujeito por meio de símbolos e significados que a identidade e a cultura realizam.

A construção da identidade de uma pessoa está relacionada à cultura, que é um fenômeno social de mudança, ou seja, não se pode construir uma identidade segundo um único parâmetro, mas a partir de vários, assim como gênero, etnia, nacionalidade; e tudo isso acaba por questionar o conceito que temos de nós mesmos (HALL, 2016).

De acordo com Mavignier (2013), na sociedade moderna a identidade do sujeito é construída tanto no âmbito individual quanto no social, implicando, dessa forma, a sociedade na formação identitária de seus indivíduos. A pessoa com deficiência física, ao perceber que seu corpo está “diferente” de uma lógica de “normalidade”, pode ter dificuldade na construção da identidade social. Dessa forma, o corpo pode ser uma forma de classificar o sujeito socialmente, por meio das diferenças por ele apresentado. De acordo com Fontes (2006) o corpo sem autonomia, limitado em sua capacidade de deslocamento e, por que não dizer de encenação estética, passa pelo mundo silenciosamente, praticamente invisível aos olhos sociais.

Segundo Bhabha (2005), a classificação do sujeito entre incluído e excluído, bom e mau, eficiente e ineficiente, levanta a ideia da oposição binária, que expõe e desloca essa lógica por meio de identidades de diferença. Consequentemente, a pessoa com deficiência não deve ser classificada ou categorizada a partir de sua diferença.

Percebemos, assim, que a diferença não diz respeito somente à deficiência grave e facilmente perceptível. A nosso ver, tratam-se de relações sociais mais complexas, estabelecidas em situações de vulnerabilidade da saúde, da condição de permanência, da conquista de direitos, enfim, do lugar social (PESSOA, 2018. p. 17).

Para Hall (2016) as pessoas significativamente diferentes da maioria em algum aspecto ficam sujeitas a uma forma binária de representação. O autor enfatiza que essas pessoas parecem ser representadas por meio de extremos acentuadamente opostos, polarizados e primários: civilizado/primitivo, homem/mulher, eficiente/deficiente, gordo/magro, alto/baixo. E, muitas vezes, elas são obrigadas a serem duas coisas ao mesmo tempo. Conclui-se então, que a sociedade classifica o sujeito em vários aspectos e essa classificação é que vai direcionar os pares ou os opostos.

Conforme afirma Pessoa (2018) os fatores sociais como pertencimento a determinados grupos socioculturais, gênero, idade, deficiência, entre outros, são variáveis de acordo com a comunidade e as condições de vida do sujeito, sendo componentes das identidades coletivas. Pensando nesta perspectiva, o sujeito deficiente nasce com uma construção cultural e coletiva da sua identidade que, neste caso, molda o sujeito de acordo com as vivências e experiências do grupo social. Já para Appiah (1997) muitas construções de identidade surgem como meios de se criar alianças ou de sustentar objetivos que visem o favorecimento de alguns grupos em detrimento de outros. Sendo assim, para que haja representação, deve existir um grupo hegemônico, dominante.

Ao contrário do que possa parecer, o preconceito seria cristalizado como uma defesa contra uma suposta ameaça, ou seja, o preconceituoso tenta se proteger contra a diferença alheia ou contra a sua própria diferença, que intimida face ao outro (PESSOA, 2018 p. 43).

Considera-se, então, que é através do corpo que manifestamos as marcas que se posicionam socialmente: forte/fraco, branco/negro, eficiente/deficiente. Para Hall (2016) é através do corpo também que se cria relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. O corpo humano é considerado como meio de interação. Afirma Mendes:

O corpo é sempre outra coisa que aquilo que ele é [...] enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado. Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em idéia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade (MENDES, 2012, p. 32).

O debate a respeito do corpo e de suas representações sociais também perpassa pelos Estudos Culturais Contemporâneos, que desloca a lógica binária moderna do “nós *versus* eles”. Esta lógica percebe o mundo em um registro binário hierarquizado, onde 1 é inferior a 2 e assim por diante. Os Estudos Culturais, pro sua vez, reconhecem o “novo” ou as minorias sociais como outra possibilidade de representação, que não os padrões já existentes. Repensam esse conceito de corpo e suas conseqüências sociais, construindo um diálogo entre diferentes possibilidades (BAPTISTA, 2009). A autora ainda afirma que apesar dessa diversidade de temas que os estudos culturais possibilitam, o que não se pode deixar de ressaltar é que daqui resulta um cruzamento disciplinar que não é só mistura caótica mas, frequentemente, verdadeira interdisciplinaridade. A proposta dos Estudos Culturais procura resolver um conjunto de problemas culturais, por meio do uso de paradigmas teóricos, metodológicos e estilísticos de origem diversa. Abordar as temáticas a respeito da deficiência e da identidade, segundo Diniz (2012), também é uma característica dos estudos culturais.

Para Hall (2016) nas últimas décadas as questões concernentes às diferenças vieram à tona nos estudos culturais e foram abordadas de diferentes maneiras por disciplinas diversas. O discurso de preconceito e discriminação, vinda do estereótipo, afeta de forma impiedosa as minorias. Sendo assim, o estereótipo classifica o que é normal/ anormal e exclui tudo que não cabe, o que é diferente, tudo que não lhe pertence.

Assim, qual é o diferencial de um estereótipo? Estes se apossam das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados. Este é o processo que descrevemos anteriormente. Então, o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença” (HALL, 2016, p. 191).

A forma como é interpretada a diferença é uma preocupação constante e recorrente na representação de pessoas estereotipadas. A diferença possui significado, ela “fala”. O estereótipo, portanto, faz parte do contexto cultural o qual, muitas vezes, exclui e marginaliza o diferente:

Por um lado, o estereótipo depende do julgamento de um sujeito e, por isso, costuma ser associado a uma não-verdade, o que acentua o seu aspecto negativo. Por outro lado, devemos levar em consideração que as caracterizações que ajudam a compor um estereótipo estão relacionadas a um grupo ou a grupos sociais e podemos assumir que parte do que está sendo representado pode refletir, em certa medida, uma “verdade” parcial, a partir de generalizações, mas que talvez tenha tido validade em algum momento, em algum ambiente ou em alguma situação específica (PESSOA, 2018, p. 63).

Salienta-se que alguns discursos sociais reforçam os estereótipos, seja com humor ou de outra forma. No dia 01/03 de 2019, a revista *Isto É* publicou em sua edição de número 2568 a seguinte reportagem: Réu, de pele e olhos claros, “não possui estereótipo de bandido”, escreve juíza. “O réu não possui estereótipo padrão de bandido, possui pele, olhos e cabelos claros”. A frase é da juíza Lissandra Reis Ceccon, da 5ª Vara Criminal de Campinas (SP), em sentença na qual condenou um homem “de pele, olhos e cabelos claros” a 30 anos de prisão pelo crime de latrocínio. A juíza ainda completou a sentença: “Vale anotar que o réu não possui o estereótipo padrão de bandido, possui pele, olhos e cabelos claros, não estando sujeito a ser facilmente confundido”. A declaração em questão reforça o discurso social do estereótipo e ainda ajuda, de certa forma, a marginalizar as pessoas que são estigmatizadas na sociedade. A respeito da estereotipagem, afirma Hall:

A estereotipagem, em outras palavras, é a parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertence” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre pessoas de dentro e “forasteiros”, entre nós e eles ( HALL, 2016. p. 192).

Por meio de valores ou crenças, os grupos ou as coletividades criam o que se chama de normas ou comportamentos que “devem” ser seguidas em determinados grupos ou segmentos.

Assim, os julgamentos pragmáticos relativamente estereotipados feitos por meio de sistemas de interpretação sobre o possível, o provável, o certo, o errado, o positivo, o negativo, o ético, o antiético, o que fazer e o que não fazer, o belo e o feio, o válido e o inválido, o padrão e a transgressão, o normal e o anormal, o eficiente e o deficiente, e, assim sucessivamente, nascem, se reproduzem, se perpetuam ou se reconfiguram (PESSOA, 2018, p. 46)

Logo, na cultura do nosso país, por exemplo, meninos nas aulas de Educação Física praticam futebol como sinônimo de virilidade e masculinidade e as meninas praticam voleibol como sinônimo de feminilidade. Conseqüentemente, os meninos afeminados que praticam voleibol e as meninas masculinizadas que praticam futebol estão no contra fluxo das regras sociais estabelecidas culturalmente ao gênero e a sexualidade, causando estranhamento e até

mesmo o repúdio das outras pessoas. Segundo Solomon (2013), a partir daí vem para os meninos transviados o corretivo esportivo e para as meninas, o corretivo da etiqueta.

A cultura ocidental aprecia a dualidade: a vida parece menos assustadora quando podemos separar o bem e o mal em pilhas distintas, quando separamos a mente do corpo, quando os homens são masculinos, e as mulheres, femininas. As ameaças ao gênero são ameaças à ordem social. Se as regras não são respeitadas, tudo parece permitido, e Joana d'Arc deve ir para a fogueira. Se permitirmos que as pessoas cortem seus pênis e peitos quando quiserem, que possibilidade teremos de manter a integridade de nosso próprio corpo? (SOLOMON, 2013, p. 483).

Leva-se em consideração que um garoto afeminado, que tem preferência por hábitos femininos, desde a infância, terá as marcas de agressão e ofensas as quais o menino homossexual, porém não afeminado não terá em seu cotidiano, apesar das repressões sociais. O afeminado, além de sofrer as marcas de marginalidade, ainda pode sofrer com a aceitação nos locais de trabalho. Nossa sociedade é caracterizada pela diferença. As minorias sociais buscam o reconhecimento das suas identidades. É como afirma Pessoa:

A diferença, pensada em uma perspectiva que contempla a deficiência, mas não só ela incluiria ainda a cor, a raça, o gênero, a idade, a diversidade sexual, as crianças adotadas, as diversas minorias ou comunidades que buscam a igualdade de direitos e o reconhecimento de suas identidades. Entendemos que a diferença é vital para a condição humana; não se trata de patologia ou problema (PESSOA, 2018, p. 102).

Contudo, a identidade dessas minorias não está sendo reconhecida socialmente. Juntamente com o estereótipo, estão em permanente negociação de ambiguidade. Continua Pessoa:

Identidades e estereótipos estão em permanente negociação e ambivalência. A aproximação do estigmatizado com os demais pode gerar no primeiro a sensação de normalidade a partir da ótica dos ditos normais. Os estigmatizados perceberiam que esses “normais” se comportariam de modo estereotipado, exibindo, de maneira extravagante ou desprezível os atributos negativos que lhe são atribuídos (PESSOA, 2018, p. 84).

O termo “deficiência” remete, de fato, a tudo que é diferente da categoria de normalidade. A terminologia para tratar as pessoas com deficiência mudou de acordo com a época e chocou-se em questões delicadas e polêmicas. O valor social dado aos deficientes dependia do contexto histórico e político em que viviam. O termo mais utilizado na atualidade, “pessoas com deficiência”, faz parte do termo da Convenção Internacional para Proteção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, que foi aprovado pela assembleia geral da Organização das Nações Unidas, em 2004. Já o Movimento de Vida Independente da Espanha

em 2005 cria o conceito “diversidade funcional” com o objetivo de substituir os conceitos negativos que se utilizam para designar as pessoas com deficiência. O termo “diversidade funcional” é consequência de uma proposta de conteúdo ideológico. A denominação pretende ser uma síntese conceitual para a compreensão de uma realidade social comumente denominada “deficiência” e é feita com clara intenção emancipadora, de empoderamento dessas pessoas (DIAS; FERREIRA, 2010).

De fato, antes da segunda metade do século XX, o modo de se referir aos deficientes estava atrelado a termos pejorativos, como: inválido, incapacitado, aleijado, retardado, cego, mongoloide, etc. De acordo com cada contexto histórico, o deficiente era visto e tratado de formas distintas. Foram muitas as tentativas de substituir um termo pelo outro para se chegar a um termo politicamente correto, tentando despir-se das valorizações depreciativas e negativas que a deficiência trazia. Percebe-se esse fato pelo nosso país, onde vários termos foram utilizados para designar os deficientes, tais como: pessoas portadoras de deficiência, pessoas com necessidades especiais. (SASSAKI, 2003).

Segundo KIM (2013) a mudança de nomenclatura dos deficientes pode distanciar os valores depreciativos da deficiência, aproximá-los ou deixá-los neutros a essa condição. Porém, ainda sim, remetem ao que é diferente, ao que apresenta a anormalidade:

Ainda que chamar quem é incapaz de andar de “paralítico” ou de “aleijado”, aparentemente seja mais estigmatizante do que denomina-lo de “pessoas com deficiência física”, isso não significa necessariamente que, ao reclassificá-lo de forma mais técnica e mudar sua denominação, a categoria na qual ele pertença , assim como as conotações e expectativas negativas a elas vinculadas, deixem de operar. (KIM, 2013. p. 109).

O autor acrescenta que a eugenia<sup>1</sup> foi um forte fator para ajudar a excluir, a segregar ou exterminar os deficientes em uma determinada época, dando exemplo da política de purificação racial nazista, que levou ao extermínio pessoas com deficiência intelectual, levando assim, a política nazista ao extermínio do anormal e do indesejado. Sustenta o autor que cerca de 80.000 a 100.000 pessoas com deficiência foram exterminadas pelo regime nazista. Fica caracterizado então que as pessoas, durante o regime nazista, eram classificadas pela lógica da “normalidade” imposta naquele regime e podiam ser definidas segundo seus fragmentos corporais, no caso dos deficientes físicos.

---

<sup>1</sup> Conjunto dos métodos que visam melhorar o patrimônio genético de grupos humanos; teoria que preconiza a sua aplicação. AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online** 2018. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/eugenia>>. Acesso em: 16 de mar de 2019.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) cerca de 10% da população mundial, ou cerca de 650 milhões de pessoas, vivem com alguma deficiência.

É preciso que a hostilidade e o acolhimento estejam em nossas ações ordinária, cotidianas, mas também, em mundos pensados para o outro, que é estranho por nós, por ser diferente de nós e por ter corpos que escapam às dimensões estetizadas para transitar sem barreiras (PESSOA, 2018, p. 17).

Sendo a deficiência uma marca indissociável ao deficiente, podem-se criar, por meio da percepção da deficiência, olhares preconceituosos e estereotipados para o deficiente, caracterizando os estigmas. Para compreender a origem do conceito moderno de estigma, sua aplicação e a dinamicidade empregadas nos diferentes contextos sociais, uma obra de referência, sem dúvida, é *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, de Erving Goffman, publicado em 1963. O autor desvenda as nuances desse conceito que parece ser o opositor direto do lema que impregnou a sociedade contemporânea e suas diversas instituições encarregadas de propagar, legitimar e reforçar o discurso da aceitação da diferença.

Os sentidos da palavra estigma foram associados de acordo com o contexto histórico em que o termo foi utilizado. Os gregos criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de anormal ou estranheza. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o “portador” deveria ser evitado, principalmente em lugares públicos, pois era um escravo, um criminoso, traidor, uma pessoa marcada, ritualmente poluída. Mais tarde, na era cristã, houve uma dualidade na interpretação deste conceito: a primeira delas referia-se aos sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; a segunda, uma alusão médica referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal (GOFFMAN, 1998).

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas, de acordo com seus atributos e normas de referências/ valores, em detrimento de seu padrão de normalidade. Contudo, quando um estranho ou diferente é apresentado, permite-se que esses valores de normalidade sejam questionados ou repensados. Para Goffman (1998), a deficiência pode resultar em "estigma". Com isso, algumas atribuições podem ser dadas ao deficiente com base neste atributo. Pode-se concluir assim, que a pessoa com a deficiência física é pouco atraente, impotente, assexuada, recebendo pagamentos assistenciais ou de menor inteligência. Segundo

o autor, existem duas identidades sociais que podem ser atribuídas à pessoa estigmatizada: a primeira virtual e a segunda real. A virtual são aquelas exigências que são imputadas ao indivíduo, ou seja, uma projeção do olhar do outro sobre nós ou vice-versa. A identidade real é a categoria que o estigmatizado apresenta possuir efetivamente.

Quando um deficiente físico está se preparando para fazer uma atividade e sua condição é reduzida ou diminuída pelo olhar do julgamento e em comparação a uma pessoa não deficiente, isso caracteriza um estigma sobre a deficiência, caracterizando fraqueza ou desvantagem. É possível ocorrer uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real, pois o deficiente físico, ao contrário da projeção, pode realizar a tarefa de forma mais eficaz e objetiva do que uma pessoa não deficiente. Segundo Le Breton (1995) a deficiência física impõe a presença do corpo, dando-lhe visibilidade, como nos casos da gestação e da velhice, que constituem momentos de crise nos quais o corpo volta à consciência do homem.

Goffman (1998) construiu sua discussão teórica em torno do conceito de estigma, que ele definiu como “um atributo que está desacreditado profundamente”. Distinguiu entre três diferentes tipos de estigmas. O primeiro é descrito como abominações do corpo, e neste se encaixa a categoria das deficiências físicas ou desfigurações. O segundo seriam as manchas de caráter individual, como o transtorno mental, homossexualidade, alcoolismo. Classificou uma categoria final o estigma tribal, incluindo raça, cultura e minorias religiosas, que podem ser transmitidos através da linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Logo, o estigma refere-se a uma forma pejorativa, depreciável do ser humano, por meio de suas características ou comportamentos fora das “regras ou normas” sociais. Utilizam-se termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original (GOFFMAN, 1988). Existe, por meio do estigma, uma dupla perspectiva de entendimento em relação ao estigmatizado. Na primeira o estigma é característico, ou seja, evidente, como um deficiente físico, por exemplo. Na segunda, a característica não é evidente, portanto, não é conhecida pelos presentes.

O fato de alguém apresentar um estigma, aparente ou não, pode fazer com sejam esquecidos outros atributos e valores que o estigmatizado possui para dar atenção à diferença. Para Goffman (1988) o estigma possui uma categorização, por exemplo, homem branco, heteronormativo e pai de família. Isso deve ser seguido pelos pares que fazem parte da mesma categoria. Em outras palavras, o homem que não for branco ou heterossexual, ou ainda, que não tenha filhos, não apoia ou segue as normas desta categoria.



Segundo Kim (2015) as pessoas com alguma deficiência passam, em algumas relações sociais, por uma invisibilidade pautada por situações nas quais os “normais” se afastam e a interação social é evitada. Há uma insegurança quanto ao status e às relações sociais, uma vez que o deficiente físico, surdo, e outros estigmatizados nunca saberão como serão reconhecidos ou recebidos quando estabelecem contato com um não estigmatizado. Pode-se citar outras situações como: homossexuais, imigrantes, etc. O contato pode gerar no estigmatizado a sensação de não saber o que realmente estão pensando sobre ele. Isso, segundo o autor, chama-se contato misto:

Quando eu caía, uma grande quantidade de mulheres corria, cacarejando e se lamentando como um grupo de galinhas-mães desoladas. Era muita gentileza, e agora eu aprecio essa solicitude mas na época, eu ficava ressentida e muito embaraçada com tal interferência. Por que elas partiam do pressuposto de que nenhum acontecimento rotineiro quando se anda de patins - um graveto ou uma pedra - teria se colocado entre as rodas dos meus. A conclusão era inevitável: Eu caía porque era uma pobre e impotente aleijada. Nenhuma delas gritava com raiva "aquele perigoso cavalo selvagem a derrubou!" - o que, Deus o perdoe, era verdade. Foi como uma horrível visitação fantasmagórica aos meus velhos dias de patins. Todas as pessoas lamentavam em coro: Aquela pobre menina caiu! (GOFFMAN, 1988, p. 17).

Esse relato anônimo de uma menina deficiente retrata, de forma pejorativa e impiedosa, como os estigmatizados são taxados, em alguns casos, na sociedade, reforçando e cristalizando o estigma e o preconceito. Deve-se considerar que o estigmatizado que tem seu "defeito" percebido ao olhar fica a mercê de perguntas e exposições de pessoas que são simpáticas com a situação.

Quando uma pessoa estigmatizada consegue alcançar um lugar de destaque ou notoriedade, passa a ser julgada por uma transferência de crédito ou descrédito, podendo assim ser vilão ou herói da situação, dependendo do julgamento das pessoas que estão a seu redor (GOFFMAN, 1988). Por isso, o processo de inclusão e participação efetiva com pares "diferentes" deve ser levado em consideração e efetivado na sociedade. Esse processo de interação fica um pouco mais complexo quando se trata do ambiente de trabalho, pois muitas vezes os empregadores não aceitam, de forma natural, um deficiente.

O autor coloca que o deficiente, ao entrar em contato com estranhos, utiliza estratégias, ou métodos, para diminuir a distância entre o não deficiente com o deficiente. Sendo assim, seu "defeito" deixará de ser um fator crucial neste contexto. Logo, quando um deficiente visual for utilizar um ônibus coletivo ou ter acesso a um restaurante, as pessoas deixarão de enxergar a deficiência como um fator limitante e começarão a lidar com o estigmatizado com naturalidade. (GOFFMAN, 1988)

O estigma, conforme mencionado, pode ser aparente ou não. Goffman (1988) designa as pessoas que têm estigmas aparentes como desacreditados e as pessoas que não têm estigma aparente, mas que são estigmatizados, como desacreditáveis. Afirma que os desacreditáveis se preocupam em esconder sua diferença social, principalmente das pessoas mais próximas.

O estigma, quando encoberto, pode gerar uma situação embaraçosa quando por algum motivo, tem que ser revelado. Quando o estigmatizado tenta esconder de toda forma seu estigma, ele se sente confrontado quando uma pessoa, por exemplo, não esconde seu estigma.

Uma pessoa que deseje esconder sua incapacidade notará em outros traços reveladores de uma incapacidade. Além disso, é provável que ela se ressinta desses traços que revelam a incapacidade porque, querendo esconder a sua deficiência, quer também que as outras pessoas escondam as suas. Assim, o indivíduo que tem dificuldades de audição e luta para esconder esse defeito sente-se incomodado pela velha mulher que coloca as mãos em concha atrás da orelha. A ostentação da incapacidade é, para ele, uma ameaça porque leva à culpa por haver desdenhado a sua própria pertinência ao grupo, assim como à possibilidade de sua própria revelação. Ele pode preferir descobrir sub-repticiamente o segredo da outra pessoa e manter um acordo de cavalheiros segundo o qual ambos devem desempenhar seus papéis fictícios antes que o outro desafie a sua pretensão e lhe confie o seu próprio segredo. (WRIGHT, *apud*, GOFFMAN, 1988, p. 75)

O estigmatizado, aos olhos sociais, tem que comportar-se ou manter-se de acordo com as expectativas do outro em relação a ele, consolidando assim, uma situação vital dentro de um papel ridículo. Assim em conformidade com um depoimento anônimo citado por Goffman:

Aprendi também que o aleijado deve ter cuidado em não agir de maneira diferente da expectativa das pessoas. Acima de tudo, eles esperam que o aleijado seja aleijado; seja incapacitado e indefeso: inferior a eles e, assim, têm desconfiança e sentem-se inseguros se os aleijados não correspondem a essas expectativas. É bastante estranho, mas o aleijado tem de desempenhar o papel de aleijado, assim como as mulheres têm que ser o que os homens esperam delas, ou seja, simplesmente mulheres; e os negros freqüentemente têm que agir como palhaços frente a raça branca "superior", de tal modo que o homem branco não fique amedrontado por seu irmão negro (GOFFMAN, 1988, p. 94).

O processo histórico e político a que os grupos minoritários foram submetidos, ainda influencia na contemporaneidade e pode ser um caminho para a compreensão desse desequilíbrio social. Está, então, implícito, que não é para o diferente que se deve olhar em busca da compreensão da diferença, mas sim para o comum (GOFFMAN, 1988).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Delineamento do estudo

Esta pesquisa salienta a análise qualitativa, descritiva e exploratória. Trata-se de um estudo de caso a respeito de uma professora de Educação Física cadeirante, que atua como *personal training*. Segundo Minayo (1999), existem múltiplas possibilidades de abordagens metodológicas na pesquisa qualitativa. Desse modo, a metodologia inclui um conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade, concepções teóricas de abordagens diversas, como também a capacidade criativa do pesquisador. O estudo de caso permite uma investigação aprofundada do campo de análise, possibilitando a construção de problematizações sobre a realidade abordada em diferentes níveis (PASSOS; BARBOSA, 2009). Segundo as autoras, para alcançar um número maior e variado de informações do estudo pretendido, o pesquisador deve utilizar diferentes técnicas tendo como finalidade aprender o “total” de uma situação e descrever a complexidade de um caso.

Para compreender o tema abordado e os estudos existentes sobre ele realizou-se um levantamento bibliográfico. O projeto foi iniciado com a investigação para detectar professores com deficiência física que atuam em academias como *personal training*, o objeto de estudo. Para tal, percorreu-se o seguinte caminho: i) Contato via e-mail com o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), solicitando informação a respeito do número de professores com deficiência física cadastrados no sistema do conselho. ii) Contato via e-mail solicitando ao Conselho Regional de Educação Física (CREF-6), sede em Belo Horizonte, se existia o cadastro de pessoas com deficiência naquele Conselho Regional. iii) Por meio das redes sociais.

A resposta obtida do Conselho Federal é que não existe no cadastro distinção entre os profissionais em relação à deficiência física (anexo 1). Já o CREF-6 não transmite informações de seus filiados a terceiros (anexo 2). Usando-se as mídias sociais localizou-se a amostra dentro dos parâmetros do estudo. Empregando a mesma mídia foi possível esclarecer as informações sobre o pesquisador e a proposta deste projeto. A professora encontrada respondeu informando que achou interessante o tema da pesquisa e que queria conhecer mais o projeto. Informou o seu contato de e-mail e o telefone para maiores esclarecimentos a respeito da elaboração do estudo. Esclarecidas as dúvidas, a profissional se dispôs a participar e ofereceu ajuda para recrutar os alunos para as entrevistas.

Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas (presencial) para a coleta de dados. Elas foram feitas com o objeto de estudo e seus alunos. Por fim, fez parte desta pesquisa a observação participante, em uma aula ministrada pela profissional a um cliente, em uma academia localizada em Vitória/ES.

Descreve-se o método de pesquisa a partir da proposição do ciclo de pesquisa de Minayo (1999), no qual a pesquisa qualitativa passa por três fases principais. A primeira se constitui como uma fase de exploração. Busca-se o objeto de pesquisa e a preparação para a entrada em campo. A segunda refere-se ao trabalho de campo, no qual o pesquisador, a partir do referencial teórico elaborado na primeira etapa, vai à prática empírica. E a terceira refere-se à análise e tratamento do material empírico.

### **3.2 Amostra**

Os participantes desta pesquisa são formados por 2 grupos: o primeiro contituído pela professora de Educação Física e *personal training*, cadeirante. A mesma que respondeu o questionário do anexo 3. É importante salientar que a deficiência foi decorrente de um acidente automobilístico, o qual ocasionou uma lesão medular. O segundo grupo é composto pelos alunos da referida professora, em um total de 4 alunos, os quais responderam a entrevista do anexo 4.

### **3.3 Procedimentos**

O presente estudo foi realizado em quatro etapas: i) elaboração do roteiro para as entrevistas; ii) procedimentos éticos; iii) aplicação das entrevistas; iv) observação participante.

#### **3.3.1 Elaboração do roteiro para entrevistas**

O estudo parte da análise de entrevistas com o objeto de estudo e pessoas de sua convivência, para tal necessitou-se de roteiros semi-estruturados para cada grupo, os quais foram elaborados pelo pesquisador com a colaboração de sua orientadora.

A primeira entrevista foi realizada com a profissional e a segunda com os seus alunos. As perguntas foram direcionadas para atender os objetivos desta pesquisa, observando as especificidades das vivências de cada grupo com o tema.

### 3.3.2 Procedimentos éticos

O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da FUMEC (CEP/FUMEC), sob parecer de número 3.376.826 (anexo 5). Como parte integrante dos procedimentos éticos, as entrevistas foram realizadas de forma presencial. Todos os participantes receberam cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 6). O mesmo deveria ser lido e assinado, em caso de concordância com o documento.

### 3.3.3 Procedimento de coleta de dados

### 3.3.4 Pesquisa bibliográfica

Para a coleta de dados, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para o reconhecimento do cenário geral das produções científicas envolvendo a temática, além de referenciar e direcionar as posteriores análises e discussões. Foram selecionados, também, teóricos dos Estudos Culturais Contemporâneos que tratam do tema da pesquisa. A pesquisa foi realizada nos seguintes bancos de dados: Scielo e LILACS.

**TABELA 1: Cenário das produções científicas da temática**

BANCO DE DADOS	DESCRITORES	ARTIGOS ENCONTRADOS 2016/2017 e 2018.	ARTIGOS SELECIONADOS
SCIELO	Educação física; Deficiência e atividade física.	117	6
	Docente; deficiência	35	0
LILACS	Educação física; Deficiência;	93	5
	Docente; deficiência	19	0

Fonte: o autor

### 3.3.5 Aplicação das entrevistas

Para a realização das entrevistas o pesquisador deslocou-se até a cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, local em que reside a *personal training*. Primeiro foram entrevistados os alunos da referida professora, sem a presença dela, a fim de evitar desconforto aos entrevistados. O diálogo com os alunos foram gravadas através de aparelho celular e, posteriormente, transcrito na íntegra. Finalmente, foi entrevistada a professora, sendo utilizado o mesmo processo de gravação dos alunos, conforme citado.

### 3.3.6 Tratamento de dados

Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados verificando se atenderam aos requisitos propostos. Além de averiguar a validade, relevância, especificidade, clareza, profundidade e extensão para o contexto da pesquisa (MARCONI & LAKATOS, 2002). Deste modo, esse material deve ser relevante em face aos objetivos do projeto e ao mesmo tempo relaciona-se com sentimentos e lembranças dos entrevistados.

### 3.3.67 Observação participante

Uma das propostas deste estudo foi realizar a observação participante. Segundo Minayo (1999), sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a tomam não apenas como estratégia no conjunto de investigação, mas como um método singular para compreensão de uma realidade. A autora define observação participante “como um processo pelo qual mantêm-se a presença do observador numa situação social, com finalidade de realizar uma investigação científica” (MINAYO, 1992, p. 135).

Para tal, observou-se uma aula ministrada pela *personal training* cadeirante a um aluno já frequente. Conseqüentemente, acompanhou-se a professora até uma academia, na cidade de Vitória, que fica situada em um shopping. Para não interferir no cotidiano do ambiente da academia o pesquisador manteve-se anônimo, sem se apresentar aos integrantes do recinto.

### 3.3.8 Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo foi construída a partir da leitura exaustiva das entrevistas, possibilitando a formulação de hipóteses iniciais a respeito dos temas centrais presentes nos diálogos. Para Minayo (1999), o analista de conteúdo exercita com maior profundidade esse esforço de interpretação e o faz não só sobre os conteúdos manifestos, como também sobre os latentes. No movimento interpretativo podemos destacar duas vertentes. Uma delas relaciona-se a estudos com uma fundamentação teórica. Neste primeiro caso, a interpretação é feita por meio de uma exploração dos significados expressos nas categorias de análise em contraste com essa fundamentação. Na outra vertente, a teoria é construída com base nos dados e nas categorias de análise, formuladas a partir de pontos de conflito e comuns diante dos relatos dos entrevistados.

Foi realizada uma análise temática do material das entrevistas. Essa avaliação consistiu em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência tenham algum significado. A existência de determinados temas mostra os valores de referência presentes no discurso dos entrevistados. Segundo Minayo (1999), a análise de conteúdo em termos gerais relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem.

A verificação de conteúdo reside na decomposição do discurso, identificando as unidades de análise ou grupos de representações por categorias, a partir das quais se torna possível uma reconstrução de significados que apontem uma compreensão mais profunda da interpretação da realidade do entrevistado (MINAYO, 1999).

O texto de análise foi construído e dividido em categorias de acordo com o conteúdo. O mesmo deu-se pelo seguinte percurso: transcrição das entrevistas na íntegra e leituras flutuantes para identificar temas de destaque. Após a leitura exaustiva das entrevistas, foram construídas quatro categorias que abrangem temas presentes. São elas: terminologia, preconceito e estigma, identidade social e vivências da prática profissional de um personal cadeirante.

## 4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DE CONTEÚDO

### 4.1 Terminologia: A definição do sujeito a partir dos termos

As análises de conteúdo foram articuladas a partir das discussões construídas no referencial teórico e das falas dos entrevistados. A categoria terminologia é definida como a forma de tratar/ chamar as pessoas com deficiência. Cada cultura e época apresenta concepções próprias sobre a deficiência, englobando crenças ou mitos explicativos, bem como formas de tratamento da questão. Portanto, resulta num leque de procedimentos e atitudes que variam entre segregação social, eliminação sumária, divinização, acolhimento ou indiferença (PEREIRA, 2009). Segundo Sasaki (2003), isso ocorre porque cada período utiliza termos cujo significado são compatíveis com valores vigentes em sociedade.

Na entrevista com a *personal training*, foi questionado: Há quanto tempo está deficiente? Na resposta, a professora advertiu para a terminologia utilizada pelo entrevistador. E relatou:

Não, eu não estou deficiente, eu tenho uma deficiência. Porque deficiente são os espaços quando não podem me receber, né? E deficiente é um conceito que já foi utilizado pra se referir as pessoas com deficiência. E aí, eu posso dizer que eu sou deficiente em desenho, eu não sei desenhar, eu não sou eficiente. Mas, quanto a minha deficiência, eu tenho ela. Então, eu sou uma pessoa com deficiência há 27 anos. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL).

O fato do entrevistador usar apenas o termo “deficiente”, sem acompanhar a palavra pessoa antes, causou indícios de incômodo a interrogada. Segundo ela, a expressão “deficiente” designa quem não é eficiente, de forma generalista, ou seja, dá ênfase a deficiência física, somente. A *personal* ainda exemplificou dizendo não ser eficiente em desenho, mas, em outros aspectos, ela pode ser eficiente. A sentença “pessoas com deficiência” faz parte do termo da Convenção Internacional para Proteção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência. A mesma foi aprovada pela assembleia geral da Organização das Nações Unidas, em 2004, e é comumente utilizada pelos teóricos que tratam do assunto, caracterizando humanização (DIAS; FERREIRA, 2010). Porém, de acordo com Diniz (2012), o vocábulo “pessoa com deficiência” foi determinado seguindo uma linha de raciocínio, assim como “pessoa deficiente”, para demonstrar que a deficiência era uma característica individual na interação social. Assim, o movimento crítico mais recente optou por “deficiente”, de acordo com o modelo social da deficiência, como uma forma de desenvolver pesquisas sobre



o tema no campo dos estudos culturais e identidade. Ou seja, “deficiente” demonstra que a deficiência é parte constitutiva da identidade da pessoa, e não um detalhe.

Assim como os estudos sobre raça não mais adotam o conceito de “pessoa de cor”, mas “negro” ou indígena, os estudos sobre a deficiência assumiram a categoria “deficiente”. E é como resultado da compreensão da deficiência como um mecanismo de identidade contrastiva que surgiu o conceito de “pessoa não deficiente” ou “não deficiente” (DINIZ, 2012, p. 11).

Outra terminologia também utilizada recentemente foi a expressão “diversidade funcional”, usada pela primeira vez em janeiro de 2005, no Fórum de Vida Independente, na Espanha, como substituto ao vocábulo “pessoas com deficiência” (PEREIRA, 2009). Os termos utilizados para se referir a qualquer diferença funcional são impróprios, inadequados e, não raro, pejorativos. Destaca-se que a locução “diversidade funcional” e ‘diferença funcional’ não enfatizam os aspectos negativos, comum na terminologia vigente (PEREIRA, 2009). Cabe salientar que as terminologias podem reforçar o estigma, a segregação e o preconceito social, uma vez que os conceitos obsoletos são inadvertidamente reforçados e perpetuados. Assim, o movimento de redefinição da deficiência levou à exclusão de termos como: “portadores de deficiência”, “pessoas com necessidades especiais” e outros pejorativos, como: “retardado”, “manco” e “coxo” (DINIZ, 2012).

#### **4.2 Preconceito, estigma e estereótipo: suas relações com a deficiência.**

A forma como nos referirmos às pessoas com deficiência pode fazer parte do processo de segregação e preconceito em vários segmentos sociais em que ela transita, ainda que seja velado. O foco desta categoria foi investigar, sob a visão da professora entrevistada, como o preconceito, o estigma e o estereótipo fizeram ou fazem parte da sua trajetória profissional. Algumas falas da professora evidenciam ou tratam dos temas em diferentes situações. Para isso, perguntou-se: você já percebeu algum preconceito no ambiente profissional?

Nunca, pra mim, nunca. Porque eu tento, através das minhas atitudes, desconstruir qualquer pré julgamento. Tanto que, os meus alunos que iam pra competição de ginástica, por exemplo, eles iam cumprindo com todos os regulamentos, pra fazer, por exemplo, um duplo mortal. E aí, como é que a Mariana ensina um duplo mortal, sem ir lá na frente e fazer? Então, minhas portas estão sempre abertas das aulas, abertas, e as pessoas podem ver como é que tudo acontece. Nesse momento, é desfeito, é desconstruído qualquer pré julgamento. As pessoas vêem que tudo acontece naturalmente, normalmente, de formas diferentes, porque a gente é muito robotizado e não imagina que as coisas podem acontecer de formas diferentes. Então, não tenho nenhum tipo de preconceito, não tive, não permito isso com as

minhas atitudes. Acredito muito nisso, assim. Ninguém, agora, o preconceito velado, também ele pode ocorrer, mas eu também consigo captar bastante, assim... E eu já fico de olho quando isso acontece. Vou lá e cerco esse indivíduo e... até ele expor e a gente conversar. Mas assim, é muito raro, eu nunca passei por nenhuma situação de preconceito escancarado assim não. Porque as pessoas só julgam aquilo que não conhece. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL).

Quanto ao preconceito profissional, segundo a professora, ela não passou por nenhuma situação que julgasse ter sofrido discriminação por ser uma pessoa com deficiência. Este fato pode ser considerado positivo quando se concebe uma sociedade contemporânea que valoriza o corpo, a estética e a eficiência, principalmente nos profissionais de Educação Física. Porém, a mesma admite que exista o preconceito velado quando afirma perceber olhares preconceituosos ao abordar uma pessoa para uma conversa. Outro fato de destaque é o relato de que sempre deixa as portas da sala abertas quando ministra treinos de ginástica a fim de expor seu trabalho, para evitar algum julgamento, ou seja, como as aulas acontecem. Considerando o fato citado, os questionamentos sobre a didática dela ao ensinar algum movimento ou exercício poderiam aparecer, uma vez que, o meio mais comum de ensino do professor de educação física ou técnicos esportivos é a realização do exercício ou movimento e o aluno “copiando/ reproduzindo”. Então, quando a mesma atuou como técnica de ginástica artística de competição nacional, afirma aos seus alunos que participem de competição cumprindo todo o regulamento, inclusive dando salto mortal duplo, ela entende que este fato pode causar estranheza nas pessoas, pois o caráter prático da Educação Física é muito presente.

Também foi perguntado à professora: Existem dificuldades em ser cadeirante dentro de uma academia? Se sim, quais são? Ela informou:

Eu acho que existe bastante dificuldade, porque as pessoas ainda não se enxergam dentro, né? De uma situação, como academias, muitos cadeirantes ainda não conseguem se sentir cidadãos plenos desse direito, por exemplo. Talvez eles pensem, alguns pensem, que ali não é o lugar deles (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL).

A resposta permitiu compreender a existência de preconceito nas próprias pessoas com deficiência quando acreditam que academias não é lugar de deficientes. Segundo Silva (2006), as mesmas passam a ser percebidas socialmente pela diferença negativa, influenciando como elas irão comportar-se. Logo, a pessoa com deficiência pode não frequentar a academia por acreditar nesses valores sociais, ajuda a reforçar essa ideia social de exclusão.

Evidencia-se a temática de preconceito por meio da resposta da professora em face da seguinte pergunta: Para você, quais são os motivos que levam seus alunos a te contratarem?

Nenhum, porque eu que escolhi os meus alunos... risos... Na verdade, eu que escolho os alunos, porque não sou uma personal comercial, de ter vários alunos, passei um pouco dessa fase. Então, mas respondendo a sua pergunta, eu imagino que, aqueles alunos que me contratam, eles tem uma pegada especial também. Eles têm um olhar além do estético. Eles têm um olhar um pouco mais ampliado, não é qualquer pessoa, já é uma pessoa com um grau a mais de evolução aqui. Então, esses são os alunos que me contratam. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL).

Destacam-se duas situações de preconceito na fala da mesma. A primeira, quando relata que seus alunos têm um grau a mais de evolução, ou seja, são pessoas que não tem preconceito que a contratam, confirmando a existência do preconceito velado. Pode-se compreender que o preconceito acontece dos dois lados, uma vez que a profissional acredita que os alunos que não a contratam não são “evoluídos”. E a segunda, quando ela confirma que nem todo aluno compreende a capacidade dela de ser uma boa profissional. Por isso, não a contratam. Por fim, os relatos destacam o preconceito presente no ambiente profissional de um deficiente e que pode acontecer de ambas as partes, professor e alunos. Portanto, as pessoas com deficiência precisam provar que para além das suas limitações há um indivíduo com capacidades e potencialidades para aprender e fazer na sociedade contemporânea (THOMAS, 2016).

O olhar preconceituoso e estereotipado para o deficiente físico reforça o estigma social que pode persistir na sociedade. Como são temas indissociáveis, estereótipo, estigma e preconceito, a *personal training* respondeu a pergunta: Você acha que o deficiente, na sociedade contemporânea, é estigmatizado ou estereotipado? Por que?

Bastante. O movimento das pessoas com deficiência ele é um movimento recente, ele não é tão antigo. Então, ele tem aproximadamente 50 anos que a gente, né? Tá tentando, que a gente tenta mostrar pra sociedade que existe um cidadão pleno de direitos ali. Então, as conquistas, as legislações, elas estão aí, mas é um movimento recente. Então, em função desse movimento não ser tão antigo, por ser ainda recente, carregamos esse estigma da exclusão. Ainda, até hoje, você pode ver exemplo que as pessoas param nas vagas das pessoas com deficiência, de estacionamento, justamente porque entendem que a pessoa com deficiência, ou um cadeirante nunca vai dirigir, que aquela vaga está ali só pra enfeitar. Então eu paro porque ele nunca vai vir aqui, ele não anda de carro, nem se quer dirige. Então eu paro na vaga. Esses estigmas ainda existem. É claro que a falta de civilidade é maior, mas esses estigmas ainda prevalecem. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL)

Ela explica que o estigma da exclusão social ainda prevalece na sociedade. Este fato, mesmo depois das conquistas dos direitos das pessoas com deficiência previstos em Constituição, está presente no cotidiano quando uma pessoa não respeita uma vaga exclusiva para deficientes. Segundo a professora, as pessoas não respeitam as vagas exclusivas para cadeirantes, pois há o estigma de que os cadeirantes não dirigem, não circulam. Esse relato confirma a afirmação Erving Goffman (1988) que o estigma pode gerar um isolamento social, causado pelas “marcas” corporais. Assim, diferencia o estigmatizado de forma depreciativa, podendo gerar comportamentos sociais defensivos (que amenizam a identificação da sua condição).

Sob o olhar de estigma e preconceito, a professora também relatou:

A falta de um professor que entenda libras. Na body tech, onde eu atendia, fui professora de sala durante mais de 3 anos, quando chegava um surdo eu que atendia, não tinha ninguém que pudesse conversar com ele em libras, e o pouco que eu sei foram os próprios amigos surdos que me ensinaram e a gente conseguia então se comunicar. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL)

A entrevistada diz que ao chegar um aluno com deficiência auditiva na academia em que trabalhava, era ela que tinha atender e conversar, pois se tratava de deficiente e como ela era cadeirante, estava na mesma “categoria”. O relato confirma a ideia de Goffman (1988) ao ressaltar que os "normais" (o autor refere-se a pessoa sem deficiência), de forma geral, não sabem lidar com o estigmatizado, pois a diferença fica evidente na relação entre estigmatizado e não estigmatizado.

A *personal* ainda enfatizou:

E ainda prevalecem as instituições, né? Então você é uma pessoa com deficiência, aquela instituição vai cuidar de você. Né? Então a gente tem que quebrar isso também. Ah, e você é uma pessoa com deficiência, aquele lugar ali é só pra você. A segregação ainda acompanha muito a gente, né? (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL)

A deficiência, para a Liga dos Lesados Físicos Contra a Segregação (Upias), passou a ser entendida como uma forma particular de opressão social, como sofrida por outros grupos minoritários, como mulheres ou negros (DINIZ, 2012). Ou seja, o estigma da exclusão contribui para o distanciamento do cadeirante em locais públicos em geral e contribui para que os deficientes permaneçam nessas instituições.

A entrevistada chamou a atenção para a segregação que pode acontecer quando uma pessoa com deficiência é inserida em alguma instituição que não seja “apropriada” para ela.

Porém, ela reconhece que, na contemporaneidade, a inclusão está muito presente na sociedade.

Então são momentos da sociedade que atravessamos, mas que hoje vivemos diferentemente. Hoje é o momento da inclusão, onde eu não tenho que me adaptar ao ambiente. O ambiente tem que adaptar a Mariana. Então é uma mudança de cultura, que devagarzinho vamos acompanhando. Eu trilho caminhos que muitos batalharam antes, né? E to deixando caminhos para aqueles que vem. Talvez eu nem usufrua do que eu batalho pra conquistar, mas esse é o processo, né?. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL)

O relato dialoga com a autora Debora Diniz (2012), no livro *O que é deficiência*, o qual nos apresenta o modelo social da deficiência. A autora aponta que o modelo assume a deficiência como uma questão sociológica, em contraposição ao modelo médico. Logo, quando a entrevistada relata que ela não tem que se adaptar ao ambiente e sim, o ambiente adaptar-se a ela, fica evidente que para o modelo social da deficiência a segregação ou a não-inclusão do deficiente, em determinados locais, seria entendida como uma opressão.

Associando a ideia de preconceito e inclusão, não se pode deixar de destacar a acessibilidade dos cadeirantes em academias. Com relação a essa temática a professora afirmou:

O outro ponto é a acessibilidade física mesmo, arquitetônica das academias, que muitas ainda não tem esse acesso. Então a disposição dos aparelhos pra circulação, pense o seguinte: onde você circula bem, aliás, é o contrário, onde eu circulo bem, você vai circular muito melhor, porque acessibilidade é muito importante pra todos nós. Enquanto tivermos pensando na acessibilidade só para a pessoa com deficiência ou cadeirante, ainda vai ser uma visão muito reducionista e a gente não vai conseguir incorporar essa questão, esse conceito da acessibilidade na sociedade. Então a acessibilidade tem que ser vista como boa para todos. Enquanto tiver vista só para a Mariana, para outros cadeirantes, a gente não vai avançar. Então a questão da acessibilidade também é um ponto que impede as pessoas com deficiência a estarem na academia, né?. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL)

Deve-se considerar que nem todas as academias são acessíveis para cadeirantes. É muito comum que elas estejam instaladas em andares superiores ao solo e, portanto, o acesso precisa ser feito através de escadas. Percebe-se também aparelhos muito próximos, dificultando o deslocamento de uma pessoa cadeirante. Sem contar com o próprio percurso para chegar à academia, ou seja, as vias urbanas. Nem todos os cadeirantes possuem carro para o deslocamento. Portanto, dependem de vias acessíveis, ruas e passeios para fazerem o trajeto.

É importante destacar que, quando a professora diz que a acessibilidade tem que ser boa para todos, ela inclui também as pessoas não deficientes. Pode-se pensar nos idosos, por

exemplo, alguns precisam de auxílio para o deslocamento e de estruturas físicas adequadas para circularem. Um questionamento feito por Diniz (2012) reforça a fala da professora, apontando os locais que segregam os deficientes. “Quem é deficiente para o modelo social da deficiência? Seria um corpo com lesão o que limitaria a participação social ou seriam os contextos pouco sensíveis à diversidade o que segregaria o deficiente?” Essas reflexões são pertinentes para uma sociedade que se diz inclusiva. A entrevistada ainda completa:

Mas, essa dificuldade da acessibilidade, ela é muito perceptível ainda nas academias. E a gente tem um País ainda que se abre uma academia a cada não sei quantas horas, mas que comercialmente não se pensa em todas as pessoas e tem uma gama muito grande querendo consumir, mas os empreendimentos e os empreendedores ainda não descobriram. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL)

Salienta-se a necessidade do olhar dos empreendedores para o público deficiente frequentar as academias. De certo modo, o local não permitir o acesso ou não oferece possibilidade para o deficiente frequentar a academia, também é um indício de preconceito e exclusão social.

A respeito do estereótipo da estética que assola o profissional de Educação Física na contemporaneidade, em que os serviços oferecidos, principalmente em redes sociais versam sobre o corpo magro e definido, foi perguntado à professora se ela julga importante o professor de educação física estar nos padrões estéticos sociais de corpo. O questionamento vincula-se às categorias discutidas anteriormente, pois se trata de uma questão que é muito valorizada no mercado de trabalho do *personal training*. O profissional consegue carregar valores sociais de estereótipos atribuído aos professores de Educação Física.

Pois é, eu não julgo nada nem ninguém, mas, falando nesses padrões estabelecidos não sei aonde, nem por quem, eu estaria completamente fora, né? Desse meio. Mas, eu não acredito que tenha que ser por aí. E, infelizmente, quando a gente se depara com situações assim, a gente também se depara como é pobre esse profissional e tanto quanto quem requer esse serviço, contrata, como são pobres de conhecimento, experiência e conteúdo, né? Então, é uma faca de 2 gumes, né? Eu prefiro estar fora dos padrões estéticos estabelecidos por não sei quem e nem sei quando, nem onde e ter consciência de movimento, ter propriedade do meu trabalho, ter conhecimento, know-how, que estar padronizado esteticamente. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL).

A professora afirma que a qualidade técnica do profissional deve prevalecer quando da contratação, ou seja, as pessoas não devem considerar só as questões estéticas. Deve-se ir além do corpo belo ou referencial. O profissional de Educação Física que atua em academias está envolvido no sistema de mercadorização do corpo. Somente é considerado como um bom

profissional quando o número de alunos é elevado (LIMA, 2009). Assim, o qualitativo está comprovadamente tomado pelo quantitativo e esse profissional passa a ser um mero repetidor de técnicas de *marketing*, adestrado para alcançar as expectativas de lucro da empresa.

Outro fator apontado pela professora é que os profissionais que valorizam as questões estéticas são pobres de conhecimento, experiência e conteúdo. E reafirma seu conhecimento na consciência do movimento do aluno, tendo propriedade no que ensina em comparação ao professor que se dedica às questões estéticas. Porém, destacam-se os seguintes pontos: os atributos, citados pela entrevistada como diferencial positivo no mercado de trabalho de um profissional *personal training*, devem ser competência de todos os profissionais de Educação Física, deficientes ou não deficientes. O conhecimento e os conceitos concernentes ao corpo ‘belo’ são produtos de uma construção cultural que influencia e condiciona a forma como pensamos. A busca pelo corpo ideal, magro, teve seu impulso no século XX, com a evolução e aprimoramento da mídia, bem como a compreensão da utilização do físico como investimento, remodelando-o conforme a indústria impõe, com o intuito único de alavancar as vendas (NOVAES, 2015).

Contudo, acredita-se que a situação vivenciada pelos profissionais de Educação Física, no ambiente de academias, no sentido da prevalência da estética do profissional ou do aluno é natural. Devido ao referencial histórico-cultural do corpo como valorização profissional predominante e enraizado na contemporaneidade.

#### **4.3 A (re)construção da identidade social após o acidente. O que mudou?**

Um ponto importante a ser colocado antes da discussão a respeito da identidade social da professora cadeirante é comentar que a deficiência da entrevistada foi adquirida aos 17 anos, em decorrência de um acidente automobilístico, o qual ocasionou uma lesão medular. Esse fato é fundamental para entender que a construção da identidade social foi modificada a partir de uma nova percepção corporal, pós-acidente. A respeito da deficiência adquirida a professora relatou:

É muito engraçado porque as pessoas acham que é mais fácil nascer com uma deficiência do que ter uma deficiência adquirida, né? Então, assim, é..você já nasceu assim? É uma pergunta que é sempre recorrente no meu cotidiano. Aí, quando eu tô com muita paciência, eu explico, quando eu não tô, eu falo: Não lembro se minha mãe já me teve com uma cadeirinha colada no bumbum e tal...risos. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL).

A entrevistada apresentou dificuldade em falar a respeito de sua deficiência, como é perceptível no diálogo acima. Ao ironizar o nascimento de uma pessoa deficiente destaca a falta de paciência para tratar sobre o assunto. Goffman (1998) afirma que muitas perguntas podem ser feitas de forma grosseira, principalmente sobre como o estigmatizado leva sua vida em certas situações. Isso pode gerar um acanhamento no estigmatizado no sentido das relações sociais. O estigmatizado, ao perceber que fica vulnerável quando entra em uma situação social mista, pode colocar uma capa dura sobre as situações. O autor ainda cita um relato anônimo:

Quando... comecei a andar sozinha nas ruas de nossa cidade... descobri que toda vez que passava por três ou quatro crianças juntas na calçada elas gritavam para mim... Algumas vezes elas chegavam mesmo a correr atrás de mim, gritando e zombando. Isto era algo que eu não sabia enfrentar, nem suportar... Por algum tempo esses encontros na rua me encheram com um frio pavor de todas as crianças desconhecidas... Um dia, subitamente, descobri que eu tinha tanta consciência de mim e tanto medo de todas as crianças desconhecidas que, como os animais, elas sabiam disso, de modo que mesmo a mais meiga e amável era levada só escárnio por meu próprio retraimento e medo (GOFFMAN, 1988, p.18)".

O estigmatizado, portanto, pode expressar, quando colocado a uma situação social mista, agressividade ou timidez em demasia, por não saber como enfrentar essa situação.

Outro fator de destaque durante o diálogo é a posição da entrevistada a respeito da comparação entre a deficiência congênita e a adquirida, a qual tem a visão de apresentar o mesmo nível de dificuldade. Porém, quando a deficiência é adquirida, exige-se uma nova releitura do corpo. Para Goffman (1988) existem diferenças entre a pessoa que possui um estigma congênito e é socializada nesta condição e a que se torna estigmatizada numa idade mais avançada. Uma vez que esta, durante a sua socialização, viu e ouviu muitas coisas a respeito de pessoas com e sem estigmas antes de ela mesma se tornar “deficiente”. Pessoas que adquirem uma deficiência relativamente tarde na vida reagem de forma mais negativa e sofrem mais golpes em seu autoconceito do que as que adquirem relativamente mais cedo (STONE-ROMERO *et al.*, 2006). Portanto, apesar da *personal* não entrar em detalhes sobre os motivos que a levam a pensar que a deficiência adquirida seja mais “fácil” de lidar, em comparação à congênita, alguns teóricos discordam dessa ideia.

Questiona-se a professora: o que mudou na percepção do seu corpo após ficar deficiente?

Muita coisa mudou, viu? Eu precisei, após o meu acidente, fazer uma releitura do meu corpo. É claro que o ballet me ajudou muito e me ajuda até hoje nessa nova



percepção. O ballet foi fundamental. Estar envolvida com o movimento me deu certas facilidades pra encarar as resistências e pra fazer uma nova releitura física. Tanto é que eu sou vegetariana há 24 anos e essa é uma escolha que eu fiz depois dessa releitura corporal. Então, todo mundo me pergunta se eu sou vegetariana por causa de alguma outra situação e não é, foi exatamente por causa dessa releitura. A carne era uma situação que eu entendia que não me deixava rápida e leve sentada. Eu precisava tá..preciso tá sempre leve e rápida. Então alimentação era imprescindível. Essa leitura pra mim é bem clara assim, do antes e do depois. Mas é claro que eu tive mudanças absurdas físicas, mas em compensação eu tenho 27 anos de lesão medular e eu não tenho nenhuma dor, não tenho nenhuma limitação de coluna, de movimento da coluna e consigo manter meu corpo dentro de uma situação que, com 27 anos de lesão, posso dizer que sou uma privilegiada, porque meu pé é pé, meu joelho é joelho, você tem as situações que são naturais de uma lesão medular, decorrentes dela, as atrofias, mas eu corro muito em busca dessa saúde física. Então eu mantenho a fisioterapia até hoje como uma manutenção, me exercito bastante e no que eu posso executar sozinha, eu to sempre fazendo. Então eu to sempre em movimento também. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL)

Ela afirma que o fato de ter sido bailarina antes da deficiência foi fundamental para sua autonomia pós-acidente. Salienta-se a importância da atividade física, que além de ajudar na manutenção do peso corporal, facilita o deslocamento na cadeira. O fato da profissional praticar musculação para os membros superiores influencia de modo efetivo na autonomia para movimentar-se. Ela considera a alimentação um fator importante para estar mais ágil e leve para se deslocar, uma vez que a sua cadeira não é motorizada. Todo trajeto feito por ela é realizado com as mãos. Deficientes físicos (DF) paraplégicos, em geral, apresentam maior número de fatores de risco para doenças coronarianas. Haja vista que seus hábitos de vida modificam-se pela limitação e, usualmente, aumentam o peso e tornam-se sedentários, o que favorece ainda mais o desenvolvimento de doenças do aparelho cardiovascular (HADDAD *et al.*, 1997).

Sobre a identidade social, foi perguntado: Como você enxerga sua identidade social antes e depois de ser cadeirante?

Uma coisa é fato assim... A deficiência me tornou muito popular. E eu acredito que é em função da deficiência, me deixou muito popular. Mas, eu não sou uma pessoa antes do acidente, uma pessoa depois do acidente. Eu sou a mesma Mariana, o que se aflora são as características que eu já tenho, já tinha e que talvez eu tivesse que utilizar mais agora. Mas eu não sou uma pessoa diferente do que era antes do meu acidente. Eu sou a mesma pessoa. Mas sou uma pessoa diferente depois da análise... risos...(PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL)

A profissional afirma que a deficiência a tornou popular, ou seja, sua identidade está atrelada à deficiência como um fator positivo socialmente. Acentua-se a afirmação sobre se tornar popular após a deficiência, a qual ocupa uma posição de destaque socialmente, ou seja, no lugar da diferença. Em contrapartida, as minorias sociais também ocupam um lugar de

relevância social, porém, no sentido negativo. Existem algumas individualidades que são impostas na sociedade, como o estereótipo, estigma, rótulos, que são promovidos por forças “inimigas” (BAUMAN, 2005). Assim sendo, a identidade escolhida é obstinada às sobras das antigas impostas pela sociedade. Portanto, a entrevistada contrapõe a essa ideia de personalidade imposta socialmente aos deficientes, afirmando que a deficiência lhe deu popularidade. Porém, a cultura molda o sentido da experiência ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade (HALL, 2014).

#### **4.4 O *personal training* cadeirante: Vivências da prática profissional**

Esta categoria está dividida em duas partes: A primeira discorre a respeito da observação participante de uma aula ministrada pela *personal training* para um cliente em uma academia de Vitória/ES, sob o olhar do pesquisador. O objetivo foi retratar a realidade do cotidiano profissional do objeto de estudo, bem como verificar como a profissional está inserida no mercado de trabalho. A segunda parte compreende o processo de construção de análise da entrevista da professora.

##### 4.4.1 Observação participante

A observação participante foi construída partindo da imersão do pesquisador no cotidiano do objeto de estudo, bem como a observação de uma de suas aulas. A professora programou, junto ao pesquisador, a rotina que foi vivenciada, de forma bem próxima de sua realidade.

A imersão ocorreu em uma academia, situada em um shopping na cidade de Vitória/ES, para acompanhar, de forma geral, a aula da professora. No estacionamento do local havia vagas reservadas para pessoas com deficiência. Não se encontrou dificuldades em estacionar. Cabe informar que o carro da profissional tem um adesivo indicando que é cadeirante. A academia fica no segundo andar do shopping, portanto é necessário o uso de elevadores para o deslocamento. Observou-se que a recepção do local era bem ampla e não tinha escadas. Os alunos entravam por uma catraca digital, ao lado havia uma porta de acesso que permitia a entrada de pessoas deficientes.

A *personal* encontrou seu aluno, que já a aguardava no local. Destaca-se que o aluno fica uma temporada do ano na França e outra no Brasil. Quando está fora do país, a professora oferece consultoria *online* ao aluno. Inicialmente, eles conversaram a respeito do treino. A

rotina da aula e o ambiente que pesquisado foi observado em detalhes. O pesquisador e a professora chegaram à academia às 15h30min, e no salão de musculação havia dois professores para atendimento aos alunos. O pesquisador manteve-se em anonimato em relação às pessoas do ambiente. Constatou-se que nenhum professor o abordou ou perguntou se o observador estava iniciando as atividades ou necessitava de ajuda, no local. Ao iniciarem a aula, o aluno foi orientado a fazer exercícios de alongamento e aquecimento articular para membros superiores, com supervisão da professora.

A academia é bem ampla e a professora desloca-se com facilidade em todo o local. A disposição dos aparelhos permitia essa locomoção, porque ficam em uma distância consideravelmente confortável para cadeirantes. A cadeira da profissional foi projetada e adaptada às suas condições, apresentando um tamanho menor na largura do que as cadeiras convencionais e não tem o apoio de mão atrás para ser empurrada.

O pesquisador foi abordado por uma professora da equipe técnica após um determinado tempo circulando na academia, cerca de 30 minutos. Ela perguntou se o mesmo estava precisando de ajuda. Relatou-se o trabalho acadêmico de observação da aula da professora. A referida instrutora disse: “A primeira vez que eu a vi aqui trabalhando, eu fiquei de cara”. Sugerindo que ficou surpresa ao ver uma *personal training* cadeirante.

A *personal* participa ativamente de todos os exercícios do aluno, corrigindo postura, velocidade de execução e movimentos. Todos os exercícios eram observados minuciosamente por ela. Destaca-se que este é o papel do professor de Educação Física, principalmente do *personal training*. Porém, em contrapartida, muitos professores estavam ao telefone ou em conversas paralelas, não acompanhando os alunos da academia. O público que estava na musculação, no momento da observação, era jovem, em sua maioria entre 18 e 30 anos, homens e com corpos atléticos.

Para instruir o aluno, a professora utiliza-se de 3 ferramentas, sendo elas: i) explicação verbal do movimento a ser executado. ii) utiliza o chamado *Peter Tosh*, que é um boneco dobrável, articulável, que serve para exemplificar aos alunos os erros posturais. No corpo do boneco, ela demonstra como a postura deve ficar durante o movimento e como o aluno está executando - o. iii) Se preciso, ela utiliza um aluno mais experiente que esteja no local, como exemplo. Essas foram as ferramentas observadas para instrução do aluno. Outros pontos importantes observados:

-Nenhum aluno pediu para revezar o aparelho com o aluno da *personal*. Este fato poderia ter acontecido uma vez que, em outros aparelhos, estavam revezando devido a um número considerável de pessoas no local, no horário observado;

-Alguns aparelhos estavam “guardados” em locais inacessíveis a cadeirantes como, por exemplo, uma barra reta que foi utilizada pelo aluno da professora. A mesma estava em um local alto, não permitindo o acesso da *personal*;

-Os banheiros da academia tinham acessibilidade para cadeirantes.

#### 4.4.2 A prática profissional: como é o *personal training* no mercado de trabalho

Nesta categoria de análise utilizam-se algumas falas da professora pesquisada e de alguns alunos entrevistados para entender a prática profissional de um *personal training* cadeirante e também para evidenciar como o trabalho dela é percebido pelos seus clientes. Reforça-se que as falas dos alunos não foram utilizadas como referência na construção das categorias de análise. Elas serão utilizadas para dar suporte às falas da professora com a percepção dos alunos, para ter uma visão mais nítida do cenário pesquisado. Perguntou-se: Como é ser um *personal* com deficiência?

Olha, eu não consigo ver nenhuma diferença, porque eu participo integralmente das aulas dos meus alunos. O que eu precisei desenvolver e que eu acho que o ballet e a ginástica contribuíram demais com essa minha percepção corporal, essa consciência corporal, foi desenvolver essas ferramentas de como ensinar. Então, por exemplo, se você vai ali na frente e dá 3 pulinhos pro seu aluno repetir os seus 3 pulinhos, eu encontro ferramentas pra fazer com que ele entenda quais são os movimentos, são 3 pulos, e como vou fazê-lo executar isso dentro do que eu espero e dentro do que ele espera também. Então, não vou lá na frente fazer os 3 pulinhos pra ele repetir. Então essa ferramenta é que eu percebo que é um diferencial de você ter bastante propriedade sobre a execução de um determinado movimento e fazê-lo entender apenas com sua explicação e o olhar pra saber se está executando corretamente. Agora com relação a socialmente, assim, não vejo nenhuma diferença. Não há nada que o meu aluno não possa fazer nas minhas aulas e não há nada, nenhum limite que me impeça de ensinar qualquer coisa a ele”. (P)

“Eu estou preparada pra qualquer coisa. Se você tiver passando perto de mim e eu tiver oportunidade, eu vou pedir pra que você faça algum movimento pro meu aluno olhar, não tem problema nenhum...Mas, eu consigo utilizar das 2 ferramentas, só que é bem mais fácil você demonstrar e o aluno copiar, do que você fazer com que o aluno tire dele a sua própria identidade de movimento, né? Então, isso que eu acho que é um grande diferencial. Isso que eu acho que falta em muitos profissionais, o feeling. (PROFESSORA. INFORMAÇÃO VERBAL).

A técnica de instrução oral para explicar um determinado movimento é a mais utilizada. Após a explicação, a professora espera que o aluno entenda o gesto e o execute de maneira correta, sob seu olhar atento. Segundo a mesma, o ballet e a ginástica (práticas realizadas antes do acidente) contribuíram para a percepção dos movimentos executados no corpo do aluno. O *feedback* da *personal*, após a execução, é importante.

Como diferencial, ela ressalta que esse método permite que o discente tenha uma consciência maior do gesto em comparação ao profissional que utiliza da demonstração/

execução do mesmo no método de ensino. Ou seja, ela afirma que a forma de instrução oral permite ao aluno pensar no movimento. Cabe destacar que o método relatado pela *personal*, como um diferencial, é legítimo para qualquer profissional de Educação Física, com ou sem deficiência. Salienta-se que o profissional sem deficiência pode utilizar-se, além do artifício citado por ela, a metodologia de executar o movimento e o aluno reproduzi-lo, ou seja, o aluno teria mais um recurso de ensino/aprendizagem. Porém, a prática da atividade física não se fundamenta ou justifica somente na reprodução sem embasamento. A informação, a vivência e a experiência que serão passados do professor para o aluno não se caracteriza como uma prática repetitiva dos conteúdos, mas reflexiva, crítica e participativa (FAGGIOON, 2011). Logo, quanto mais recursos didáticos o professor possuir, melhor será o entendimento do aluno na prática de atividade física.

Para entender um pouco a metodologia da *personal*, utiliza-se falas de alguns alunos:

No caso dela, ela tem muito assim... foco em postura, então a maioria esquece um pouco isso, entendeu? Apesar que hoje em dia tenho reparado que o pessoal está mais assim... preocupado em fazer você, né? Colocar a musculatura, sempre abdômen, que a pessoa faz às vezes o exercício todo, né? Solta, não dá resultado, ela tem esse foco, né? Da postura, de estar tudo no lugar antes de se mexer, né? Então isso é um pouco difícil de encontrar em outros profissionais, apesar que agora melhorou bastante. Eu observo assim, quando eu vou em algum lugar e olho os professores (ALUNO 1 – INFORMAÇÃO VERBAL).

Me estimula a entender que o trabalho, por exemplo, em um trabalho de perna, não precisa, necessariamente, estar ali fisicamente trabalhando com a perna, e sim, um trabalho mente e perna, mente é importante, então, me estimula, vamos dizer de certa forma de ponto positivo, é que me estimulou a pensar que como é que, por exemplo, Mariana, por exemplo, que tem uma deficiência na perna, consegue entender tantas técnicas assim, então, será que me levou a curiosidade, talvez, de pensar que, então tem um trabalho de mente envolvido, mais que um trabalho físico. Isso foi logo no início, quando eu não entendia muito bem. (ALUNO 2 – INFORMAÇÃO VERBAL).

O fato de eu ter pensado logo no início que o fato dela ser cadeirante... a gente pergunta... normal...será que o fato de ser cadeirante me impede de alcançar os objetivos? E, eu tentei normal, e graças a Deus hoje eu sei que, pra mim, às vezes até esqueço, entendeu? Você pergunta uma coisa e você esquece que ela é. Hoje eu tenho certeza que é um trabalho de mente. Isso me fez aprender e de repente eu não teria chegado a essa resposta se eu não tivesse tido essa reflexão logo no início, entendeu? Mas, eu acho que isso é importante, acho que foi uma coisa que aprendi logo desde o início. Pelo menos eu encaro hoje como um trabalho de mente e que reflete no corpo, mas vai da cabeça, um trabalho que começa interno e externo. A Mariana me ajudou bem nessa parte interna, entendeu? Aprender e tal, todas as técnicas e tal. Eu acho isso bem importante. (ALUNO 2 – INFORMAÇÃO VERBAL)

A diferença não sinto diferença absolutamente, acho que em nada. Porque o que ela consegue me passar é até melhor do que eles conseguem me passar, entendeu? Porque ela consegue especificar mais, vamos dizer assim, né? Então é bem mais específico do que talvez assim, do que uma pessoa que não seja cadeirante, vamos dizer assim. (ALUNO 3 – INFORMAÇÃO VERBAL).

Na verdade o que aconteceu foi.. risos... eu não busquei uma professora com deficiência, porque eu nem imaginava que isso podia existir. Nós já nos conhecíamos e numa conversa eu comentei com ela que eu estava, que eu preciso muito, que eu estava sem atividade, precisando muito e ela falou assim: então vamos fazer. Eu tomei um susto, porque eu conhecia todas as habilidades dela, inclusive, mas menos de professora de Educação Física. Então eu fiquei muito surpresa e na hora eu nem questionei. Eu disse: então vamos... e fiquei naquela: Meu Deus, como será? Né? Como será? Mas não tive medo de que fosse ruim, fiquei só curiosa, surpresa e curiosa e.. bom.. resultado foi que ela me surpreendeu muito e eu comecei a entender o processo... Enfim, vi que, nada haver, não tem nada haver uma pessoa ser cadeirante e ser professora de Educação Física, né? São coisas absolutamente compatíveis, né? (ALUNO 4 – INFORMAÇÃO VERBAL).

Destaca-se no discurso da professora que não há diferença entre suas aulas e a de um professor sem deficiência. Esta declaração foi confirmada em entrevista com os alunos quando foram perguntados como é ter uma *personal* com deficiência.

Risos... Não vejo muita diferença, porque ela é muito, assim... resolvida, né? Inclusive ela também faz exercícios, né? Usa os aparelhos, ela é muito dinâmica, né? Não da para perceber assim... uma diferença, sei lá... Parece até melhor, não sei. Tranquilo mesmo. (ALUNO 1 – INFORMAÇÃO VERBAL).

Olha, às vezes até esquece que... risos... que é cadeirante, porque de qualquer forma de atenção que eu precisei, sempre eu tive, independente do fato de ela ser cadeirante ou não, e para mim é normal, realmente normal, assim... não muda nada, não tem nenhuma dificuldade. É isso aí". Aluno 2.

"É.. eu acho o fato dela ser, pelo que eu to percebendo, com uma raridade no meio, uma professora *personal* cadeirante, isso me leva a pensar que os outros profissionais que nunca pensaram nessa possibilidade, né? Que deveriam, né? Porque realmente não tem nada haver...Aqui no prédio, em outros lugares quando eu mencionava, que ela era minha *personal*, mas como assim? Gente aqui no elevador me questionou e tal... Então você vê que realmente que a desinformação é muito grande, né? E o preconceito é muito grande, né? O preconceito mais que a desinformação, né? E... morreu, né? Tá cadeirante, coitada... coitada...Vai para a esquina pedir, né? Ou então vai ficar em casa tristonha, alguém vai empurrar aquela cadeira, inclusive ela falava da cadeira dela, que eu acho outro detalhe interessante... é um mundo que você não conhecia e passou a conhecer e só te enriquece, né? Como pessoa, né? Como, ela falando como cidadã, ela falando que a cadeira dela tem uma... a roda da cadeira dela né? Não, ela não tem aquele... elétrico, né Ela falou não... Eu preciso usar os braços. Então, a cadeira foi feita pra ela, né? Mas ela empurra a cadeira com os braços. Então, quero dizer, não é uma pessoa paralisada por conta de uma fatalidade., ne? Que a história dela é uma história de fatalidade. Mas enfim, eu não tenho nada a realmente a acrescentar, a não ser das os parabéns para o projeto, pelo teu trabalho e espero que seja muito bem sucedido e que depois dele alguma coisa aconteça, né? Para melhorar esse cenário. (ALUNO 2 – INFORMAÇÃO VERBAL).

A capacidade técnica da *personal* em planejar suas aulas e repassar a orientação aos alunos é confirmada pela transcrição acima. Deve-se considerar que os entrevistados pagam pelos serviços da professora. Talvez se o cenário de percepção do trabalho dela aos olhos dos discentes fosse diferente, eles não a procurariam e não se disporem a pagariam pelas aulas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou discutir a atuação do professor de Educação Física (*personal training*) com deficiência, por meio de um estudo de caso realizado com uma professora, na cidade de Vitória, Espírito Santo. O objetivo foi verificar o trabalho profissional da referida professora. Para tanto, foi preciso conhecer o serviço oferecido por ela, o local de atuação e as dificuldades enfrentadas. Cabe problematizar que o discurso da professora pesquisada é de um lugar diferente da realidade vivida por outros deficientes, talvez utópico. Trata-se de uma análise singular, de um sujeito específico, que não retrata uma realidade geral dos professores de Educação Física cadeirantes que atuam como *personal training*. Pontua-se isso por meio da articulação do lugar que ela ocupa socialmente e as falas da profissional. Porém, a pesquisa permitiu analisar muitos pontos a respeito da profissão e a inserção social desse profissional no mercado de trabalho.

A transcrição das entrevistas permitiu levantar quatro categorias de análise, compreendendo temas centrais presentes nos discursos dos entrevistados e que se configuraram em categorias distintas. Foram elas: Terminologia; Preconceito, estigma e estereótipo; Identidade social e vivências da prática profissional. Cada esfera expõe um tema conflituoso. As categorias se entrelaçam e compõem os resultados dessa pesquisa.

A primeira categoria, Terminologia, como a própria expressão diz, trata dos termos ou palavras que são utilizadas para designar uma pessoa com deficiência. A professora afirmou que a expressão deficiente está ultrapassada e que o correto seria pessoa com deficiência.

Na segunda categoria, Preconceito, estigma e estereótipo, os assuntos foram agrupados, pois fazem parte de uma mesma narrativa da professora. Ela afirmou não ter passado por nenhuma situação desse tipo no ambiente profissional, mas admite existir o preconceito velado. A profissional acredita que quando as pessoas veem o trabalho sendo realizado, desconstróem qualquer discriminação que possa existir. Relata que os próprios deficientes podem ter rejeição de frequentar academias por acreditarem na construção social, supondo que academias não é lugar para eles. A *personal* afirma que os deficientes, na contemporaneidade, ainda carregam o estigma da exclusão social, atribuindo isso a valores construídos culturalmente, que segregavam os deficientes. Ela destaca a acessibilidade como uma forma de exclusão social, afirmando que deficientes são os locais que não permitem o acesso aos cadeirantes. Por fim, o pensamento do estereótipo do corpo magro e definido, enraizado culturalmente nos profissionais de Educação Física, é questionado por ela,

acreditando que um bom profissional precisa de outras competências como conteúdo técnico e científico.

Na terceira categoria, a respeito da reconstrução da sua identidade social, a professora destaca que muita coisa mudou depois do acidente. Precisou fazer uma releitura do seu corpo que mudou após a deficiência. Afirmou que a prática da atividade física foi fundamental nessa nova percepção de corpo, pois entendia que a mesma ajudaria nas atividades de vida diária, como deslocar-se com a cadeira. E finalizou dizendo que a deficiência a tornou popular, que trouxe benefícios profissionais devido a sua condição.

A quarta e última categoria dedica-se a discutir a prática profissional da entrevistada. Destacam-se as metodologias utilizadas pela professora para ministrar as aulas. Foram elas: i) Explicação verbal do movimento a ser executado. ii) Utiliza o chamado *Peter Tosh*, que é um boneco dobrável, articulável, que serve para exemplificar aos alunos os erros posturais. iii) Se for necessário, ela utiliza um aluno mais experiente que esteja no local, como exemplo.

Depois dessa etapa, foi feita a análise de conteúdo da entrevista da professora, abordando as questões de sua prática profissional, articulando-as com as falas dos alunos. A respeito de como ser um *personal* com deficiência, ela não vê distinção em comparação a um profissional considerado 'normal'. Ela afirma isso devido às metodologias de ensino adotadas por ela e ainda pontua que não há nenhum exercício ou atividade que seus alunos não façam. Os mesmos confirmam a fala da *personal*, por meio dos seus relatos, pois também não enxergam a deficiência como fator de diferença ou limitação. Os discentes apontam como fator diferencial da professora sua metodologia de ensino. Relatam que a preocupação da profissional com a postura, em especificar os movimentos e trabalhar a "mente" (não enxergar a prática de atividade física só como reprodução de movimentos aleatórios), conciliando a execução com a teoria.

Contudo, como foi apontado na pesquisa, por meio da entrevista com a professora e com os alunos, juntamente com a observação participante, a atuação da profissional com deficiência física é bem ativa, respaldada pelos conhecimentos técnicos e científicos da Educação Física. A professora apresenta um olhar atento aos movimentos executados pelos alunos, dando *feedback* ao cliente. Reforça-se que esses aspectos devem ser inerentes a professores com ou sem deficiência, principalmente atuantes como *personal training*.

Poucos estudos foram desenvolvidos a respeito do tema, portanto, necessita-se aprofundar a pesquisa nessa temática. Em especial, destinado a professores de Educação Física com deficiência física, para realizar contrapontos a este estudo. Por meio de outros



grupos, com outras realidades, será possível traçar paralelos com as entrevistas. A intenção desta dissertação foi problematizar um assunto que é pouco abordado no meio acadêmico.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE *et al.* Características de alunos com deficiência física na percepção de seus professores: Um estudo sobre os parâmetros conceituais da classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde. **Rev. Bras. Ed. Esp., Marília**, v.24, n.1, p.3-16, Jan.-Mar., 2018.

ANDRADE, Sueli. **Chris Cunningham: corpo e dejetos no vídeo contemporâneo**. 2017. 120f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2ª. Edição, 1997.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets, Culturas littéraires: nouvelles performances e desenvolvimento**, v 2, pp.451-461, fev, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**/ tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BIANCHETTI, L.. **Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes**. In: Um olhar sobre a diferença- Interação, trabalho e cidadania. Campinas/SP: Papirus, 1998.

CAMBI, F.. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini – São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CAMPOS, Ivanir. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a autoimagem de adolescentes. **Caderno de Educação Física Marechal Candido Rondon**, v. 9, n. 17, p. 87-99, 2. sem., 2010.

CARRASCOZA, João Anzanello; Casaqui, Vander; Hoff Tânia. O consumo da diferença: corpo e trabalho nas narrativas do Portal da Superação. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 7, n.20, p.191-214, 2010.

CASTRO, A. L. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume – FAPESP, 2007.

COSTA, A.M.; DUARTE, E. Atividade física, saúde e qualidade de vida das pessoas com deficiência. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Atividade motora adaptada**. A alegria do corpo. São Paulo: Artes Médicas: 2006. p.119-129.

CERVANTES, C.M.; PORRETA, D.L. Physical activity measurement among individuals with disabilities: a literature review. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Champaign, v.27, p.173-90, 2010.

COURTINE, J. J. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANTANA, D. B. (Org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas culturais**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

COURTINE, J. J. O Corpo Anormal – História e Antropologia culturais da deformidade. In: Corbin, Alain; Courtine, Jean-Jacques; Vigarello, Georges (org.) **História do Corpo – As Mutações do Olhar: O Século XX** – volume 3. Tradução e revisão: Alves, Ephraim Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

CRUZ, R.A.S. Políticas públicas de educação especial: o acesso de alunos com deficiência, da educação básica ao ensino superior. In: CAIADO, K.R.M. **Trajetórias escolares de alunos com deficiência**. São Carlos: Edufscar, 2013. p. 242.

DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estudo e pesquisa em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912, dez. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812011000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000300010&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 26 mar. 2019.

DIAS, S.R.; FERREIRA, M.A. Desde la Dis-capacidade hacia la diversidad funcional: un ejercicio de dis-normalizacion. Madrid: **Revista Internacional de Sociologia (RIS)**, 2010. v. 68, n. 2, p.289-309.

DINIZ, D. **O que é deficiência**.. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FAGGION, Carlos. A prática docente dos professores de Educação Física no Ensino Médio das escolas públicas de Caxias do Sul. **DO CORPO: Ciências e Artes**, Caxias do Sul, v. 1, n. 2, jul./dez. 2011.

FELERICO, Selma. P.G. **Do corpo desmedido ao corpo ultramedido**. A revisão do corpo na Revista Veja de 1968 a 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Comunicação e Semiótica ). Pontífica Universidade Católica -SP. São Paulo, 2010.

FERNANDES, M. H. **Corpo. Clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FERREIRA, et al. O acesso para cadeirantes em academias de ginástica: Um estudo realizado na zona oeste do Rio de Janeiro. **Revista da Sobama**, Marília, v.19, n.1, p.39-48, Jan./Jun., 2018.

FONTES, Malu. Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo. **Revista de Comunicação e Cultura**. Vol.4 • nº1 p.117-136 Junho 2006.

FOUCAULT, M.. **A história da sexualidade**, 1: A vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARCIA et. al. Acessibilidade e permanência no ensino superior. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Número Especial, 2018: 33-40.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GREGORUTTI et al. A tarefa de casa na inclusão escolar: Alunos com deficiência física. **Rev. Bras. Educação Especial**, v.23, n.2, p.233-244, Abr.-Jun., 2017

HALL, S.. **A identidade cultural na pós modernidade**.; tradução: Tomaz Tadeu da Silva &Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, S.. **Cultura e representação**/ Stuart Hall; tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016.

HILLESHEIM, B.; CAPELLARI, A. Os corpos da inclusão: mídia e relações com a diferença. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 1-17, 2019.

KIM, Joon Ho. **O estigma da deficiência física e o paradigma da reconstrução biocibernética do corpo**.2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Doi: 10.11606/T.8.2013.tde-10022014-111556. Acesso em: 25-02-2019.

LIMA, Marisa. Mercadorização do corpo, corpolatria e o papel do profissional de Educação Física. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1061-1071, set./out. 2009.

LE BRETON, D. **Antropologia del cuerpo y mordernidad**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1995.

MAGALHÃES, R.C.P. Ensino superior no Brasil e inclusão de alunos com deficiência. In: VALDÉS, M.T.M. (org). **Inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior no Brasil**: caminhos de desafios. Fortaleza: EDUCERE, 2006. p. 39.

MARMELEIRA et al. Barreiras para a prática de atividade física em pessoas com deficiência visual. **Rev Bras Ciênc Esporte**. 2018;40(2):197---204

MAROUN, Kalya; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, v. 14, n. 2, p. 171-186, 2008.

MAVIGNIER, T. C. A deficiência física nas revistas Veja, Época e Isto É: um estudo de recepção. In 9<sup>o</sup> **Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**, São Paulo, Brasil, 2013.

McARDLE, W.Katch, W. Katch. **Fisiologia do Exercício. Energia, Nutrição e Desempenho Humano**. 7<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2011.

MENDES, Enicéia Gonçalves; PICCOLO, Gustavo Martins. Nas pegadas da história: tracejando relações entre deficiência e sociedade. **Revista Educação Especial**. Vol 25, n<sup>o</sup> 42 p. 32. Jan/Abr 2012.

MENDES, Maria Isabel. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**. n.27, pp.125-137, Set 2004.

MINAYO, M.C de Souza. (1999). **O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco.

NETO, INÁCIO. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes. **Caderno de Educação Física Marechal Cândido Rondon**. v. 9, n. 17, p. 87-99, 2. sem., 2010.

NOVAES, J. da S.. **Estética: O corpo na academia..** Rio de Janeiro: Shape, 2001.

NOVAES, Joana. A dimensão simbólica do corpo e o fenômeno social da corpolatria. **Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins – V. 2 – n. 01**. p. 176-189, jul/dez. 2015

PACHECO, Dalmer. Freak e a exclusão social. **Revista apontamentos midiáticos**. Alagoas. V. 3, n. 3, 2011. Disponível em: [http://www.ichca.ufal.br/grupopesquisa/intermidia/resumos/resumo\\_dalmerpacheco.htm](http://www.ichca.ufal.br/grupopesquisa/intermidia/resumos/resumo_dalmerpacheco.htm). Acesso em 13 de Março de 2019.

Passos, I. C. F; & Barboza, M. A. G.. A pesquisa etnográfica no contexto da reforma psiquiátrica brasileira: especificidade, importância e o estado da arte. In PASSOS, I. C. F. (Org). **Loucura e Sociedade: Discursos, práticas e significações sociais**. (pp.15-26) Belo Horizonte: Argymentvm, 1999.

PEREIRA, Ray. Diversidade funcional: a diferençificações sociaissileira: especificidade **HistIRA, Ray. Diversidade** istIRA, Ray. Diversidade funcional: a d, p.715-728, 2009.

PERES, L. S. Corporeidade e sua relação com a Educação Física: um breve resgate histórico para entendimento. **Caderno de Educação Física. Marechal Cândido Rondon**, v. 8, n. 15, p. 53-61, 2009.

PESSOA, Sônia Caldas. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas** - Belo Horizonte: PPGCOM, 2018.

RIMMER JH et al. Physical activity participation among persons with disabilities: barriers and facilitators. **Am J Prev. Med** 2004;26(5):419---25.

ROSÁRIO, N. M. **Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose**. [versão online]. Disponível em: [http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia\\_semiotica/conteudos/corpo.htm](http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm) Tucherman, I. 2004. Acesso em 20 de abril, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura..** São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de passagem**. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, F.J. A. dos. Considerações sobre a corpolatria. **Revista Motrivivência**. p. 53-54, jan, 1990.

SASSAKI, Romeu. **Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos**. São Paulo: RNR, 2003, p.12-16.

SENNE, W. A. **O que é corpolatria**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SILVA, Luciene. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 33 set./dez. 2006.

SILVA, O. M.. **“A Epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje”**. 2a. Ed. São Paulo: Cedas, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOLOMON, A. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

STONE-ROMERO, E. F., Stone, D. L., & Lukaszewski, K. .The influency of disability on role-taking in organizations. In A. M. Konrad, P. Prasad, & J. K. Pringle (ed.). **Handbook of workplace diversity** (pp. 401-426). London, 2006.

THOMAZ, D. **Os desafios do trabalho docente pela voz de professores com deficiência.** Dissertação de mestrado em Educação- Universidade da região de Joinville: UNIVILLE, 2016.

TOMAZ et al. Professores com deficiência: Vivência de in/exclusão na formação inicial e contribuições para o trabalho docente. **Revista COCAR**, Belém, v.10, n.19, p. 382 a 403 – Jan./Jul. 2016.

TRASFERETTI, José. O corpo e a cultura no contexto da sociedade brasileira. **Comunicação e Informação**. v.11,n.1,p. 126-137, 2008.

VILLAÇA, N; GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.


WEEB, Sam. **Is this the return of the Victorian freak show?** First “wolf boy” to appear in Britain in 30 years wows crowds at Wookey Hole. Mail Online, London, 26, out, 2012. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2223705/A-Mexican-Werewolf-Somerset-Wolf-Boy-arrives-UK-leaping-European-tour.html>. Acesso: 19 de março de 2019.

## Anexo 1

## • RESPOSTA CONFEF

• RES: [FALE CONOSCO SITE Nº 4103] - Outros Yahoo/Entrada ★

---

 • **Coordenador** <coordenadorconfef@confef.org.br> 🖨️ 🔗 14 de dez de 2018 às 18:38 ★  
Para: fabricio\_fps@yahoo.com.br

Prezado Senhor  
Fabricio Santos

Não temos em nosso cadastro informação de que é deficiente ou não.

Atenciosamente,

**Walfrido José Amaral**  
Coordenador CONFEF  
Conselho Federal de Educação Física - CONFEF  
Tel. (21) 2242-4228 Fax: (21) 2526-7179  
Site: www.confef.org.br



## Anexo 2

- RESPOSTA CREF

Prezado Senhor,

Este CREF6/MG não repassa informações de seus Filiados a terceiros.

Atenciosamente,  
CREF6/MG

## Anexo 3

**Entrevista Semiestruturada- professora**

Data:

Local:

Nome:

Idade:

Telefone:

1. Quais foram os motivos te levaram a assumir a profissão de educação física?
2. Há quanto tempo você tornou-se deficiente?
3. Se você tornou-se deficiente, ou seja, não é congênito, o que mudou na percepção do seu corpo após ficar deficiente?
4. Como você enxerga sua identidade social antes e depois de ser cadeirante?
5. Como é ser um personal cadeirante?
6. Como você demonstra os exercícios na prática para seus alunos?
7. Existem dificuldades em ser cadeirante dentro de uma academia? Se sim, quais são?
8. Você percebeu algum preconceito no ambiente profissional?
9. O que a deficiência representa para você?
10. Para você, quais são os motivos que levam seus alunos a te contratarem?
12. Você pratica esportes? Quais? Quantas vezes na semana?
13. Você trabalha em outros lugares? Quais? O que faz?
14. Você julga importante o professor de educação física estar nos “padrões estéticos” sociais de corpo? Por que?
15. Você acha que o deficiente, na sociedade contemporânea, é estigmatizado ou estereotipado? Por que?
16. Gostaria de acrescentar algo?

## Anexo 4

**Entrevista Semiestruturada- alunos**

Data:

Local:

Nome:

Idade:

Telefone:

1. Há quanto tempo você é aluno de personal training?
2. Você teve outro professor de personal training antes da professora cadeirante? Se sim, essa experiência com a professora cadeirante trouxe alguma experiência diferente na relação professor/ aluno, em comparação a outro profissional?
3. Quais motivos te levaram a contratar o professor deficiente?
4. Como é ter um personal cadeirante?
5. Existem aspectos positivos e negativos que a deficiência representa na relação profissional professor/ aluno? Se sim, quais são?
6. Gostaria de acrescentar algo ou fazer alguma pergunta?

## Anexo 5

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DA PRÁTICA: O deficiente físico como docente

**Pesquisador:** FABRICIO DE PAULA SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 14077519.0.0000.5155

**Instituição Proponente:** FUNDACAO MINEIRA DE EDUCACAO E CULTURA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.376.826

## Anexo 6

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Fabrício de Paula Santos, aluno do curso de Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos, da Universidade FUMEC, estou desenvolvendo uma pesquisa acadêmica sob orientação da Profa. Dra. Juliana Pontes, intitulada: **A EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DA PRÁTICA: O deficiente físico como docente**. Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar como voluntário (a). O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é verificar como é a atuação profissional do professor de educação física cadeirante como *personal training*, identificar como o corpo deficiente é percebido dentro da academia, bem como, como a professora valoriza seu corpo neste contexto. Evidenciar que a profissão de educação física vai além da execução dos movimentos, envolve uma capacidade de mobilizar o corpo do outro a partir do conhecimento técnico e teórico. Analisar como o professor de educação física deficiente físico se posiciona frente aos alunos e como os alunos percebem este profissional no ambiente de trabalho. É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos: não haverá intervenção por parte do pesquisador em relação a sua amostra e os participantes podem se sentir constrangidos ao relatarem suas percepções acerca do tema abordado neste estudo. Os benefícios que espero com o estudo são: verificar como o professor de educação física deficiente físico atua no mercado de trabalho, bem como, entender como seus alunos percebem o professor deficiente no ambiente de trabalho, contribuindo assim nas reflexões e discussões acerca dessa temática. Informamos que os procedimentos adotados para a coleta de dados serão: primeiramente haverá um levantamento das bibliografias existentes a respeito do tema abordado, que fundamentará a construção teórica da pesquisa. No segundo momento, será realizada pesquisa qualitativa, semiestruturada, para os alunos do professor com deficiência e entrevista em profundidade com o docente. As entrevistas serão gravadas, em áudio, e transcritas posteriormente. Além disso, será feita uma observação participante, onde o pesquisador vai vivenciar as aulas do professor com deficiência. A partir do material coletado, será realizada a Análise de Conteúdo segundo as técnicas de Minayo, que consiste em técnicas para obtenção de indicadores relevantes e norteadores de inferência de conhecimentos relacionados ao tema estudado. Após a organização e análise dos dados, os resultados obtidos serão discutidos.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com o pesquisador ou com Conselho de Ética em Pesquisa. Em caso de algum problema relacionado com a

pesquisa, você terá direito á assistência gratuita que será prestada contatando o Pesquisador Responsável. Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Não será preciso utilização de imagens, apenas os áudios que serão ouvidos pelo pesquisador, para análise futura. Caso haja gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelo pesquisador. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Em caso de dúvidas quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade FUMEC (CEP/FUMEC). O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, e-mail: \_\_\_\_\_estou de acordo em participar da pesquisa intitulada A educação física além da prática: o deficiente físico como docente, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento. Além disso, foi me concedida à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Pesquisador (a)Nome do Pesquisador Responsável: Fabrício de Paula Santos

Endereço: Rua Amazonas, 374, Conselheiro Lafaiete-MG

Cep: 36.400-000

Tel: 31- 991274453

E-mail:fabricao\_fps@yahoo.com.br

**Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

Rua Cobre, 200 – 4º andar - (Sala D408) Cruzeiro

CEP: 30.310-190 - Belo Horizonte / MG

Tel: (31) 3269-5235/5259

E-mail: cep@fumec.br